



S. A. IMPERIAL A SNR^a D. IZABEL
PRINCEZA DO BRAZIL.

Alameda 222

SUA ALTEZA IMPERIAL

**A Senhora Princeza D. Izabel-Christina-Leopoldo-Augusta-
Michaela-Gabriella-Raphaella-Gonzaga**

Herdeira presumptiva da Corôa do Brazil



ão vêdes aquelle desmedido
territorio no continente me-
ridional da America, que se
estende desde as aguas do
mar Atlantico até á raiz dos
Andes, e que partindo don-
de se despenham as vertentes
mais septentrionaes do Ama-
zonas vae acabar na margem
do Rio da Prata? É o impe-
rio do Brazil.

Começado era apenas o se-
culo decimo sexto, quando a
Europa, ainda admirada de
ver realisados pela expedição

de Christovão Colombo os presentimentos cosmographicos de
Strabão, soube que um navegador portuguez, partindo do Tejo
a 9 de março de 1500 e affastando-se da costa africana, segundo
a recommendação de Vasco da Gama, avistára a 22 de abril o
monte a que puzera o nome de *Paschoal*, e lançando ferro em
Porto Seguro, desembarcára nas praias d'uma região desconhe-
cida.

Fôra o afortunado navegante Pedro Alvares Cabral, que de
g

Lisboa saíra para a Índia por capitão mór de uma armada de treze navios. Feliz alviçareiro do casual apparecimento, lhe chamou, com discreto acerto, o autor da Historia Geral do Brazil.

E grandiosas alviças lhe deu a posteridade ligando o nome de Cabral a tão venturoso acaso! Foi justiça. As mais celebres descobertas scientificas procederam de igual origem, e nem por isso o nome dos que as revelaram, deixou de ser citado até agora com respeito e admiração. O europeu que primeiro aportou nas praias do novo continente onde algum dia havia de surgir um grande povo, e um imperio florescente, merece commemoração gloriosa nos annaes dos dois hemispherios.

Á piedade dos primeiros portuguezes, que visitaram a terra novamente descoberta, deveu ella o nome de *Santa Cruz*, com que no principio a fizeram conhecida; porém o commercio, acudindo a extraír d'ali as multiplicadas riquezas de tão abençoado torrão, breve lhe deu o nome de *Brazil*, por ser abundante naquellas paragens a madeira assim chamada.

A denominação piedosa cedeu á designação mercantil e pratica, e foi acolher-se nos archivos da poesia onde as idéas elevadas, as inspirações nobres, e as tradições venerandas sempre encontraram seguro abrigo.

Estava o descobrimento do Brazil dentro dos limites da demarcação portugueza estabelecida em Tordesilhas seis annos antes, e a posse do novo territorio não podia ser disputada á ordem de Christo, a quem privilegios anteriores concediam as terras que se fossem descobrindo. Todavia, nem a celebre milicia que o Infante D. Henrique impellíra ás grandes empresas maritimas, nem o senhor rei D. Manoel, de cujo animo eram dignos os commettimentos ousados, nem os fidalgos e homens de negocio, promiscuamente dados a feitos de armas e a mercancias, attentaram desde logo na importancia da região a que aportára Pedro Alvares Cabral. As empresas da Asia eram o enlevo da ambição portugueza, e pareciam mais proveitosas do que a exploração e arroteamento da nova terra.

A colonisação só começou no reinado de D. João III. Então foi dividido o Brazil em doze capitánias; principiou a fundação de cidades e villas; acudiram os missionarios áquelle vasto campo de conquista espiritual; navegaram-se os rios até onde a natureza franqueára o passo; devassaram-se as florestas mais proximas da residencia dos europeus;prehenderam-se trabalhos agricolas de grande importancia; e a civilisação portugueza, que era nesse tempo expressão fiel da sciencia conhecida, espalhou-se rapidamente pelos sitios occupados dos novos dominadores.

Não era o empenho isempto de difficuldades. Caminhamos na segunda metade do quarto seculo posterior á descoberta, e ainda a colonisação do Brazil, e o aproveitamento completo do seu espaçossissimo terreno, estão mui distantes da situação próspera, e talvez unica no mundo, a que forçosamente ha de chegar o imperio brasileiro.

Os primeiros colonisadores do Brazil tiveram que lutar com os impedimentos oppostos pela mão poderosa da natureza, e com a resistencia, algumas vezes justa, da raça que occupava aquellas terras, quando a ellas chegaram os navegadores portuguezes. Depois a ambição, a inveja, e outras circumstancias, que mais ou menos provinham d'essas duas causas, trouxeram ao Brazil os francezes e os hollandezes, e a mão que rompia as entranhas do novo mundo, teve de largar o alvião para empunhar a espada ou carregar o mosquete.

A Hespanha, quasi senhora de Portugal, pela traição dos que deviam defender a independencia do reino, e pela ambição e fraqueza do cardeal D. Henrique, offerecêra o Brazil ao Duque de Bragança com o titulo de Rei, em compensação dos direitos incontestaveis da Senhora D. Catherina, mulher do duque e filha do Infante D. Duarte; porém Philippe II não governava em Lisboa. Reinava ainda o velho irmão de D. João III, e os pertendentes á corôa portugueza não tinham inteiramente perdido a esperanza de que a aversão do jugo estrangeiro, renovando os prodigiosos feitos do seculo decimo quarto, lhes abrisse o caminho do throno. A senhora D. Catherina rejeitou a proposta do soberano hespanhol.

O Brazil teria colhido grande proveito da resolução contraria. É facil prever quanto o estabelecimento da côrte 'naquella portentosa região, adiantaria a civilisação brasileira, e qual seria a prosperidade actual d'aquelle povo, se a sua organização independente datasse de 1579.

A restauração de Portugal em 1640, despertou novos brios nos animos brasileiros; e expulsos os invasores estrangeiros, estabeleceu-se rapidamente em toda a parte a autoridade do governo portuguez sob a dynastia de Bragança.

Correram os tempos e desenvolveu-se com elles a civilisação do Brazil. Era já uma nação rica de elementos de força propria, e florescente em varões insignes nas armas, nas letras, na poesia e nas sciencias, quando o Senhor D. João, principe regente no impedimento da Senhora D. Maria I, transferiu temporariamente a côrte para o Rio de Janeiro, ao aproximar-se de Lisboa o exercito da Girona commandado por Junot.

*

As mudanças políticas ocorridas na Europa desde 1807 até 1821, determinaram o regresso do Senhor D. João VI a Portugal, e o governo do Brazil, já elevado a reino, foi confiado ao Príncipe Real D. Pedro, como regente. A hora da maioridade do povo brasileiro devia soar em breve. Previo-o a Europa; não o dissimulavam os estadistas; sabia-o o rei, e não o ignorava o Príncipe. Pareciam comtudo esquecidos d'esta necessidade imperiosa dos tempos e das circumstancias, os portuguezes zelosos do dominio antigo; e os habitantes do Brazil, acostumados á mutua estima e reciproca correspondencia que os laços de sangue, a identidade de linguagem, de religião e de costumes, e os interesses commerciaes fomentavam e mantinham.

A pouca attenção e cortezia para com as representações dos brasileiros, e a repetição insensata de provocações inauditas, produziram o seu effeito inevitavel, e deram á separação dos dois estados um character hostil, prejudicial a ambos. Os brasileiros mostraram que os brios e genio insoffrido da raça portugueza não tinham degenerado nos ares da America.

O Príncipe Real, primogenito da casa de Bragança, foi proclamado Imperador e Defensor Perpetuo do Brazil, e tomou sobre os seus hombros o laborioso encargo da educação constitucional d'aquelle grande imperio.

As contendas civis, inseparaveis das grandes mudanças políticas, suscitaram a final no animo desinteressado e realmente nobre do Imperador, o pensamento de se affastar da scena politica, e de sacrificar á prosperidade da patria adoptiva o esplendor do throno, e o gozo do poder supremo. Em abril de 1831 abdicou a corôa imperial, e deixou para sempre as praias do Brazil, onde a gratidão e a saudade triumphando das paixões políticas, lhe estão preparando o merecido padrão de gloria em monumentos grandiosos, como a alma do Príncipe fundador do Imperio.

Teve o Imperador D. Pedro I por successor no throno a seu filho primogenito o Senhor D. Pedro II nascido a 2 de dezembro de 1825 do seu primeiro consorcio com a Imperatriz D. Leopoldina Josepha Carolina, archiduqueza de Austria. Ainda o Senhor D. Pedro II não contava seis annos, quando subiu o ultimo degráo do throno imperial; porém o governo do estado só o recebeu da regencia aos 23 de julho de 1840.

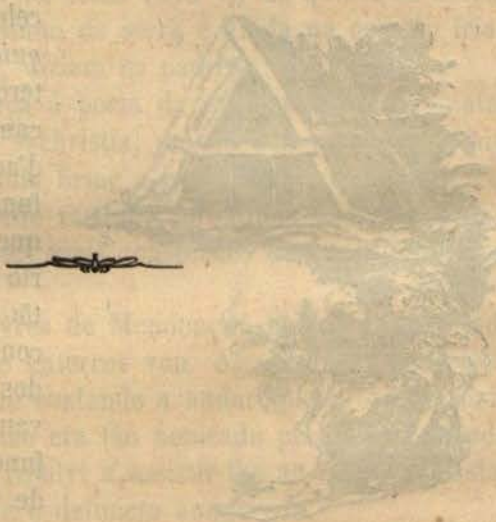
O casamento do joven imperante com a actual Imperatriz a Senhora D. Thereza-Christina-Maria, filha de Francisco I rei das Duas Sicilias, verificou-se em 1843, e aos 29 de julho de 1846 nasceu a Senhora Princeza D. Izabel, herdeira presumptiva da corôa.

O retrato de Sua Alteza Imperial adorna hoje a primeira pagina da *Revista*.

O Imperador do Brazil não tem filho varão. No Senhor D. Pedro II acaba a linha primogenita da casa de Bragança, continuada sem interrupção de varonia durante quasi cinco seculos, desde o Senhor D. Affonso Conde de Barcellos e 1.^o Duque de Bragança até Sua Magestade Imperial.

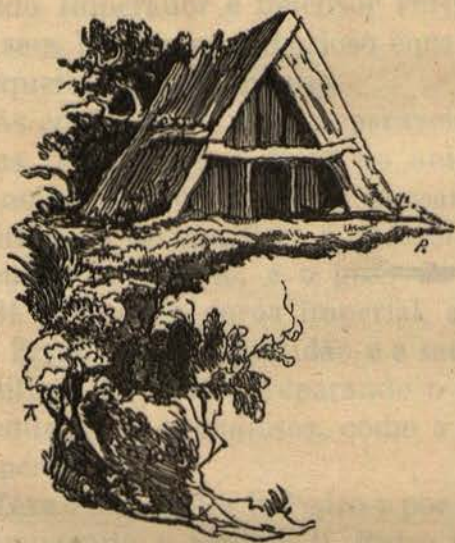
A futura soberana do Brazil está proxima a completar quinze annos. Os cuidados do governo, as amarguras do throno, e os trabalhos de tão difficil encargo, não é natural que venham brevemente interromper a singela e placida existencia da joven Princeza; mas qualquer que seja a hora em que a Providencia lhe ponha na cabeça a corôa imperial, a Augusta filha do Imperador D. Pedro II saberá mostrar-se digna do povo brasileiro, de si propria, e dos seus excelsos progenitores.

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.



A ERMIDA DE CASTROMINO

II



o outro dia, e ainda no seguinte, celebrou o vigário missa de *requiem* pela alma do ermitão. Ao terceiro fez-se o officio, ao qual concorreram os padres todos d'aquella redondeza. Depois do funeral do Capitão do Arnêdo, que era o mais rico proprietario da serra, ainda se não vira tão numeroso ajuntamento. Os convites tinham sido assignados pelo vigário, e supplicavam a assistencia aos officios funebres pela alma do Eremita de Castromino sem declaração do nome do fallecido.

Isto deu que fallar. Os padres antes da cerimonia religiosa reuniram-se em grupos no adro da Igreja á porta da sacristia. Cada qual tinha curiosidade de saber o nome do ermitão. Diziam uns que fôra egresso, e que namorado da vida monastica se refugiára 'naquelle êrmo. Outros affirmavam que era um desgraçado perseguido de morte pelos facinorosos da Beira. Alguem suspeitava que fosse criminoso arrepen-dido. E todos diziam que era na verdade muito censuravel, que o vigário sabendo de certo o segredo, nem depois da morte do homem o quizesse revelar ao menos aos eclesiasticos.

—É que lhe foi dito na confissão, replicou o vigário da vara, pessoa sizada e amigo do parcho.

—Isso talvez! respondeu um dos padres. Mas sempre é extraordinario que vivesse tantos annos no pico de Castromino sem ninguem saber quem era!

—Eu encontrei-o uma vez, volveu o vigário da vara. Foi logo no principio quando andava a construir a ermida, e conversei com elle. Tinha boas fallas, aspecto sereno e serio, modos cortezes, e parecia homem de boa educação. Depois não o tornei a vêr.

A curiosidade dos padres subiu de ponto quando viram chegar Ayres de Mendonça e Albuquerque, vulgarmente chamado o *fidalgo do Serrado*, com seu filho mais velho, ambos a cavallo, e acompanhados de dois criados de farda. Todos quatro traziam fumos nos chapeos. Era Ayres de Mendonça homem muito estimado na provincia da Beira, e pessoa de grande respeito por qualidade, riqueza e procedimento.

Desde que ultimára cincoenta annos, não tornou mais a enterros. Mandava sempre o filho, e nem a morte do capitão do Arnêdo que fôra official do regimento de Milicias, de que Ayres de Mendonça tinha sido coronel, o obrigou a sair de caza. Para vir da quinta do Serrado ali—tres boas legoas de caminho de serra e ainda na estação fria—grande pessoa era o defuncto, diziam os padres.

Apeou-se Ayres de Mendonça á porta da residencia onde rematava o muro do adro pelo lado da sachristia, deixou o cavallo aos lacaios, e atravessando com passo ainda firme a grade que impede a entrada de animaes damninhos 'naquelle recinto, aproximou-se dos padres. O vigário da vara, e os sacerdotes mais conspicios deram alguns passos para saír-lhe ao encontro.

—V. Ex.^a por aqui, sr. Ayres de Mendonça! É grande novidade!

—Verdade é que a poucos enterros vou. Agora a nenhum. Estou velho e achacado, e já me vae custando a andar quatro ou cinco horas a cavallo. Mas este ermitão era tão nomeado pelas suas virtudes, caridade e modestia que me resolvi a assistir-lhe ao funeral. Bastava ser convite do nosso vigário e o defuncto amigo seu.

—Então V. Ex.^a não conhecia o ermitão?

—Nunca o encontrei na serra.

Com esta resposta tiveram de callar-se os padres, e em seguida começou o officio. No fim da solemnidade funebre foi Ayres de Mendonça descansar para casa do vigário com varios ecclesiasticos, que acceitaram uma sobria collação na residencia. Quando se ausentaram, disse Ayres de Mendonça para o vigário:

—Pobre Henrique! Que vida! Que martyrio!

—É verdade, sr. Ayres de Mendonça. Se teve culpas, por largo espaço e duramente as expiou.

—Culpas, coitado! Que culpas podia ter o homem mais honrado, e de coração mais nobre e leal que eu conheci 'neste mundo? Já escreveu ao sobrinho?

—Logo no mesmo dia. Amanhã chega aqui. O testamento ha de ser aberto na sua presença.

—Ah! Elle tinha feito testamento?

—Ha muitos annos, respondeu o parochio. Poucos mezes depois de se acolher ao ermo de Castromino foi uma vez a Valezim e veio de lá com o testamento feito.

—Foi bem infeliz, exclamou Ayres de Mendonça limpando as lagrimas. Bem sabe quanto eu lhe queria. Além do parentesco proximo que ligava as nossas familias, fômos sempre amigos desde o seminario em que nos educámos ambos, e sempre estivemos em correspondencia até ao triste acontecimento que o affastou para tão longe. Conservo a carta que elle me escreveu então a contar-me tudo. Não a posso lér sem chorar. Bem desditoso foi.

—Agora, voltou o vigario não menos commovido, está onde se acabam todos os padecimentos d'este mundo. Deus ha de ter misericordia da sua alma.

Ayres de Mendonça despediu-se tristemente do parochio, e voltou com o filho para a sua Quinta do Serrado. O vigario foi ajudar a preparar um quarto do seu modesto presbyterio para receber o hospede que esperava.

Com effeito no dia immediato pela tarde chegou á residencia um cavalheiro moço com dois creados a cavallo, varios homens a pé, e uma especie de liteira a que chamam andas. Na manhã seguinte abriu-se o testamento, no qual o ermitão nomeava herdeiro universal seu sobrinho, de cujo bom coração e sentimentos briosos fiava quanto dizia respeito á sua pessoa, e ás que mais prezára 'neste mundo, em conformidade com a carta fechada que estava no testamento. Pedia-lhe que em tudo ouvisse o vigario da freguezia, a quem legava uma Biblia do seu uso particular que se encontrou sobre o altar com os papeis. Aos pastores mais desvalidos da serra, deixava um legado perpetuo de um conto de réis, cujo capital o herdeiro devia collocar com segurança. A distribuição pertenceria ao parochio, agora, e para todo o sempre.

'Nesse mesmo dia o recém-chegado e o vigario foram com os creados ao sopé do pico de Castromino. Encontraram lá os pastores, e entre elles João, o que enterrára o ermitão, e repartira o lenço como reliquia. Quando souberam quem era o mancebo que acompanhava o parochio, cada pastor começou a narrar os favores que recebêra do tio, e os remedios que lhe dêra, e as receitas que lhe ensinára, e o amor e carinho que a todos elles tinha, como se na serra fôra nascido.

Mal sabiam elles que se tratava de levar d'ali o corpo do santo eremita. A final foi necessario dizer-lhes a verdade. Pois apesar do respeito que tributavam ao vigario, não quizeram estar por tal. Homens e mulheres, velhos e crianças gritavam que lhes queriam tirar o corpo do santo, que era o patrono da serra e do valle, para o levarem para a cidade, onde não faltavam santos nos altares. Que se elle tivesse querido ser enterrado em outra parte, não teria aberto por suas mãos a propria sepultura no pico de Castromino. E que ninguem havia de subir lá acima para tirar o corpo do santo.

Estas allegações dos pastores não eram submissas, antes indicavam firmeza de resolução e vigor inabalavel para impedir a ascensão da montanha. Ao ouvir os gritos quasi colericos d'aquella boa gente, o parcho olhava para o mancebo como quem esperava d'elle a decisão, porém os pastores cada vez vociferavam com maior audacia.

—Ó sr. vigario, dizia o João que por ter prestado os derradeiros serviços ao cadaver do ermitão já tinha uma certa autoridade entre os pastores, pois vossa mercê deixa ir d'ali os ossos do seu amigo.

—Eu queria-os antes no nosso cemiterio. Desejava, como vós outros, que ficassem na serra, mas enterrados em sagrado, respondeu o vigario no intuito de enfraquecer a furia popular.

—Pois lá em cima tambem é sagrado. Lá está a capella. Nada. O corpo do santo não sáe d'ali, exclamou o João.

—Isso não sáe, gritaram os pastores todos. Ó sr. vigario, pelo amor de Deus!

—Eu não governo 'nessas coisas, meus filhos. Aqui está o sobrinho do nosso ermitão. Elle é quem manda.

—Mande quanto quizer, mas não venha tirar-nos o nosso santo. Ali ninguem mais bole, gritou o João acompanhado pelas vozes dos mais conspicuos ou atrevidos do bando. Nós vamos quebrar os degraus e as pedras do caminho, e depois que vá lá alguem, se fôr capaz.

A esta manifestação popular tão pronunciada e energica fôra des-acerto e crueza resistir. O sobrinho estava commovido de vêr quanto seu tio fôra querido d'aquelles pastores singélos. O vigario aconselhava-lhe em voz baixa que cedesse. Deixar os restos mortaes do tio entregues á guarda affectuosa d'aquelles serranos era uma boa acção digna da veneravel memoria do defuncto, e dos sentimentos nobres do herdeiro. Por fim o sobrinho cedeu ás reflexões do parcho e este disse aos pastores:

—Ora bem, meus queridos filhos. O corpo do ermitão ahi fica para sempre, no alto de Castromino. Cada um de vós lhe encomende a alma a Deus nas suas orações.

—Viva o nosso vigario que não deixa levar da serra o nosso san-

tinho. Viva, gritaram todos os pastores. O João voltando-se para o sobrinho accrescentou: *Vá descansado que ninguém sobe mais á Ermida até ao dia de juizo.*

Com effeito os pastores quebraram as pedras que abriam passagem para o cimo do pincaro e ninguém lá pôde subir depois. A ermida desamparada foi caindo com o tempo, e já mal se divisam hoje as ruínas que se confundem com as do Crasto romano.

Quando ha doenças no valle, acodem os enfermos á montanha, e fazem ali oração. Crêem que por intercessão do santo da Ermida, como elles lhe chamam, sentem allivio nas suas enfermidades. Tambem levam o gado doente a pastar a relva que nasce no oiteiro mais acerado do pincaro, e dizem que é medicinal por influência do santo.

Quem era o virtuoso eremita, e como resolvêra acoitar-se 'naquella paragem agreste e alcantilada, ninguém hoje o sabe na serra. Os pastores dizem ter ouvido aos paes que era um santo. A gente mais culta que é pouca, e espalhada pelas villas e logares vive affastada da serra e esquecida ou ignorante d'estes successos.

O vigario falleceu tres annos depois da morte do ermitão. Ayres de Mendonça tambem já não é vivo. Ambos teriam levado consigo para a sepultura o segredo, se a carta de Henrique ao fidalgo do Serrado não tivesse apparecido entre os papeis de Ayres de Mendonça, assim como a correspondencia desde o seminario em que se criaram, até á fundação da ermida.

'Nesses documentos originaes foi colhida a historia que se vae lêr.

III

Era Manoel de Oliveira um dos mais abastados negociantes de Coimbra e do reino. Consistia o seu trafego na exportação de vinhos da Beira e da Bairrada, de azeite e de laranja; porém a importancia dos capitaes reunidos na sua mão era tal, que não havia empreza avultada em Lisboa ou nas provincias, para a qual o não convidassem.

A caza de Oliveira e C.^a, começára modestamente na villa da Figueira. Com o tempo o desenvolvimento das transações mercantis exigiu que o chefe de tão complicadas negociações escolhesse a cidade de Coimbra para residencia pessoal, e para centro do movimento commercial da sua caza, e que estabelecesse agencias especiaes nos portos de mar, e em differentes sitios das provincias.

Da caza de Coimbra dirigida sempre por Manoel de Oliveira partia o impulso a que obedeciam as outras. A centralisação, de cuja utilidade tanto duvidam hoje os politicos nos assumptos de administração publica, era para o commerciante coimbrão de vantagem incontestavel na direcção dos negocios mercantis.

O credito da firma Oliveira e C.^a era immenso. As suas lettras corriam como oiro no reino inteiro, e valiam em Inglaterra, em Allemanha e na America, como as libras esterlinas, os marcos de banco, e os dollars, cuja somma a penna traçára no papel. Não havia em Portugal memoria de negociante que tivesse chegado, como Manoel de Oliveira, a tão inalteravel reputação no velho, e novo mundo.

Chamavam-lhe *O Quintella de Coimbra*. Nas terras estrangeiras appellidavam-o *O Rothschild Portuguez*. A sua grande riqueza avultava no numero e importancia das transações que intentava e proseguia, e egualmente no fausto da caza, e nas magnificas funcções que dava todos os annos desde que sua filha D. Anna de Oliveira viera do convento de Pereira, onde fôra receber os derradeiros elementos da educação superior.

A cidade de Coimbra nomeára-o por differentes vezes Presidente da Camara Municipal. Em duas legislaturas mandára-o a côrtes, a defender os seus interesses, e a pugnar pela conservação da universidade. Dizia-se então que o governo tencionava dissolver a celebre academia portugueza transferindo algumas faculdades para Lisboa, e outras para o Porto, boato que trazia assustados e receiosos os habitantes, que trajavam batina de lila, e os que vestiam sobrecasaca ou jaqueta. O cargo de provedor da Misericordia andava por consenso unanime na pessoa do honrado negociante desde tempos mui affastados.

Manoel de Oliveira não gostava da vida publica. A sua paixão fôra sempre o commercio em que se creára; tinha outra: era o amor á unica filha que lhe ficára por morte de sua mulher. Deixar a D. Anna a maior riqueza possivel, e collocar-a em situação izempta de qualquer eventualidade perigosa, era a principal ambição do velho commerciante.

Os cargos publicos desviavam-o dos seus intuitos, e tiravam-lhe o tempo. Nas côrtes, onde se mostrára orador facil, claro e dotado de grande juizo pratico, tinha tratado com esmero e conhecimento de causa, as questões economicas e financeiras, e o seu nome fôra desde logo inscrito na lista pouco numerosa dos homens habilitados para ministros da fazenda; porém Manoel de Oliveira não podia acostumar-se ao andamento vagaroso das discussões, nem assistir com paciencia ao espectáculo dos tramas astuciosos com que os partidos conseguem accelerar, ou addiar a resolução das questões, segundo as suas conveniencias, e sem attenção ás dos povos.

Cansado das lutas partidarias, de que todavia só fôra testemunha, renunciou todos os cargos no reino e na cidade. Só conservou a instancias dos mezarios, a provedoria da Misericordia, cujos valores muitos annos havia, se guardavam nos cofres da caza Oliveira e C.^a por deliberação especial da Meza a requerimento do thesoureiro.

A responsabilidade do deposito e guarda do cofre da Misericordia,

amedrontava os thesoureiros. Não havia quem tal encargo acceitasse. O ultimo nomeado declarou que o não recusaria, se Manoel de Oliveira se quizesse encarregar de conservar em seu poder os valores, e de mandar fazer a escripturação. A confiança que todos tinham na caza de Oliveira e C.^a era egual á que merecem os Bancos mais acreditados. Assim se fez. O sr. Oliveira cedeu aos rogos da Meza, o thesoureiro ficou sendo nominal, e o exercicio d'este cargo veio de facto a juntar-se com o de provedor, como o de ministro das Obras Publicas já andou reunido ao de ministro da Fazenda com acalorado despeito da opposição, e ainda mais afogueada teima dos ministeriaes.

O Quintella de Coimbra orçava pelos sessenta annos. Era de estatura pequena que a obesidade adquirida na vida sedentaria fazia parecer menos elevada. As feições, regulares e finas. Os olhos, pequenos e vivos. Os cabellos que lhe cercavam a calva, inteiramente brancos. O aspecto, bondoso e paternal. O porte, grave sem affectação nem severidade.

D. Anna ainda não completára vinte annos. Era uma menina de compleição debil, mas com certa firmeza no olhar e em toda a physionomia que revelava immensa força nervosa, vontade inabalavel, e grande superioridade moral. Tinha branquissima a tez, e os cabellos loiros como os de sua mãe, respeitavel senhora, filha de um antigo negociante inglez da Figueira.

Tambem de ingleza era o que mostrava. O oval do rosto, o ar do corpo, a flexibilidade dos movimentos, e a indolencia natural da postura, eram portuguezes de lei. Nos olhos que o caprichoso antagonismo das duas raças fizera verdenegros e rasgados, transluzia a procedencia arabe a que ninguem escapa na peninsula.

A senhora Stonehouse, que assim se chamava do nome paterno a mulher de Manoel de Oliveira, começára a educação da filha com summo cuidado, e consagrara a esse nobre empenho toda a sua vida. Recebeu D. Anna as primeiras noções do saber humano sob as vistas e direcção da mãe, que mesmo na quadra dos estudos secundarios tomára a seu cargo ensinar-lhe o latim, o inglez e o allemão.

A filha de Manoel de Oliveira amava o estudo. A curiosidade do seu espirito juvenil augmentava com o alimento que lhe davam os professores, porém este gosto de cultura intellectual não prejudicava a applicação aos encargos domesticos, proprios do seu sexo. A senhora Stonehouse queria que sua filha fosse instruida e bem educada, porém que se conservasse mulher. Uma rapariga masculina, costumava ella dizer, nunca póde ser boa mãe de familias, e ha de querer ter um marido de genio feminino!

Para evitar este escolho das educações mal dirigidas, a mulher de Manoel de Oliveira procurou sempre convencer a filha de que o cum-

primento dos nossos deveres, é a primeira obrigação da vida, maxima em que se basea o ensino moral em Inglaterra. Neste ponto a educação de D. Anna foi inteiramente ingleza.

A senhora Stonehouse morreu de cholera, deixando a sua querida filha já cerca de dezasete annos. A virtuosa mulher de Manoel de Oliveira deixou este mundo com a esperança consoladora de que D. Anna, seria filha submissa, esposa desvelada, mãe de familias exemplar e carinhosa, e em tudo digna do affecto e das benções de seus paes. Pouco tempo depois foi a menina para o convento de Pereira, cuja fama em materia de criação feminina é mui antiga em Portugal, e anterior ás experiencias das irmãs da caridade estrangeiras, ou nacionaes. Ali esteve um anno, findo o qual, veio viver para Coimbra em companhia do pae.

Desde que D. Anna chegou do convento não cessaram as festas em caza. Os bailes do inverno foram primorosos. Os jantares patentearam a rara habilidade do cosinheiro italiano, que Manoel de Oliveira mandára vir de Lisboa. O velho exportador de vinhos gostava de vêr cheios de gente os sallões da sua caza, cuja riqueza não era desprovida de gosto, antes rivalisavam com os melhores da côrte no custo dos moveis e ornatos, e no acerto da disposição.

A caza de Manoel de Oliveira concorriam as familias principaes da cidade, os lentes de maior consideração, os estudantes mais distinctos, e já se sabe, todas as authoridades civis, militares e ecclesiasticas. Não vinha cavalheiro a Coimbra que o não fosse procurar, ou porque já o conhecia, ou porque trazia carta de recommendação para elle. D. Anna ajudada por uma tia idosa, que ora fazia de dona de honor, ora parecia querer exercer as funcções de mãe, recebia com graça e agrado natural, e encantava quantos iam a sua caza.

As senhoras mais severas admiravam a seriedade do seu porte. Os professores não se cansavam á busca de assumpto para conversarem com ella, porque em todos a encontravam sufficientemente instruida sem affectação nem vaidade. Os ecclesiasticos notavam a exacção com que se desempenhava dos deveres religiosos, e a affectuosa caridade com que soccorria os pobres. E todos eram testemunhas do carinho filial com que adoçava as magoas da viuvez paterna.

Na cidade, e nos arredores não se fallava em outra coisa, e já cada qual andava a querer adivinhar quem viria a cazar com tão portentosa menina. Belleza, graça, instrucção, bom character, innocencia e grande riqueza, raras vezes se reúnem como em D. Anna se juntavam. Os pertendentes de intenção erão numerosos. Alguns que não ousavam pôr os olhos tão alto, diziam que o pae a destinava a um conde de Lisboa, de cujas commendas elle fôra arrendatario, quando havia com-

mendas, que se arrendassem, e nobres fidalgos que consumissem os dizimos de Siam nos tripudios de Babilonia.

Em quanto o pensamento inquieto dos ociosos de Coimbra lhe andava buscando noivo de uma a outra extremidade do reino, D. Anna vivia no lar paterno, mui affastada d'esses cuidados, em que Manoel de Oliveira ainda não pensára maduramente. Saía de manhã a cavallo acompanhada por dois creados, e ás vezes por alguma das pessoas que frequentavam com maior intimidade as reuniões da familia. Recolhia para almoçar. Depois tocava piano ou harpa, bordava, ou lia conforme lhe era mais aprazível, e á noite vinha da salla do jantar pelo braço do pae para a salla, chamada das visitas, onde quasi sempre já estavam os parceiros para o whisth de Manoel de Oliveira, e alguns rapazes e pessoas da terra.

Estes serões de conversação prazenteira e inoffensiva eram unicos em Coimbra. Outras familias convidavam para suas cazas em certos dias do anno os amigos e visitas, mas nenhuma abria as portas das suas sallas quotidianamente para reunir as pessoas conhecidas em companhia amigavel, e sem cerimonia. A indifferença politica de Manoel de Oliveira mantinha nas suas sallas campo neutro, onde se encontravam sem repugnancia, nem rancor os individuos mais mal avindos entre si. As qualidades de D. Anna attraíam muitos. O ar alegre d'aquellas reuniões convidava um grande numero. O costume determinava alguns, e a autoridade do dono da caza obrigava os restantes.

As pessoas d'esse tempo ainda se recordam com saudade da caza de Manoel de Oliveira, e não lhe passam defronte da porta sem lamentarem que tão cedo se fechassem aquellas sallas, onde o bom velho ralhava com o parceiro por não lhe vir ao naipe que elle jogára, e em que D. Anna e a propria tia apesar dos esgares de velha e do azedume de solteirona involuntaria, a todos acolhiam com sincero affecto, e despediam contentes de si proprios, e de quem os recebêra.

Vêr como aquella familia se queria mutuamente, e como de tão intimo affecto se derivavam sentimentos de benevolencia para com todos, era um exemplo e um prazer para quantos se reuniam nos serões de Manoel de Oliveira. O velho negociante observava da meza do whisth com jubilo orgulhoso a roda de pessoas escolhidas, que se delectavam conversando com a filha. D. Anna attribuindo aquelle concurso numeroso, á geral homenagem ás virtudes do pae, reforçava o amor filial com os sentimentos de respeito e de admiração. Neste contentamento e satisfação domestica até a propria velha esquecia as tristezas do celibato, e folgava com a ventura da sobrinha, e com o justificado orgulho do irmão.

(Continúa).

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

FRANCISCO MARIA BORDALLO

Sunt lagrymæ rerum!

IV



hegados a este ponto abreviaremos o nosso esboço biographico.

Para os curiosos de particularidades andam na mão de todos os livros de Bordallo, e n'elles, a cada pagina se encontrará melhor e mais segura informação de suas peregrinações, do que eu poderia offerecer aqui na desalinhada noticia, que hoje acompanha o seu retrato.

Estão para mim tão frescas as memorias da intima convivencia, pungem-me por tal modo ainda a dôr e saudade do amigo, que mais de uma vez a penna me foge da mão, e a vista se me cega com os véos da magôa.

Não esperava ser eu quem esparzisse estas flores sobre a sua campa!... Mas é um piedoso dever, cumpra-se! Inclinem-nos diante da vontade de Deus. Arvores, ou arbustos, qual ficará de pé embora vergue, quando a sua mão poderosa se estende para o prostrar?

Desde maio de 1838 até abril de 1839 Bordallo residio em Lisboa.

Corriam para elle os dias rapidos, e dourados com as illusões dos desoito annos. Olhando para a vida, ao longe tudo eram rosas e jubilos; contemplando o mar, que fôra quasi o seu berço, sonhava com os maravilhosos feitos de mais afortunados tempos, e julgava-se predestinado a esmaltar a nobre carreira, que preferia, com algum rasgo digno de louvor. Quem se não enganou assim, mesmo depois de os espinhos, cravando-se, o advertirem severamente, e não suspirou pelos enlevos da juventude, por esse mundo ideal creado na phantasia, miragem fabulosa, com que a esperança nos acena, e que os cuidados, os revezes, e as fadigas vão desvanecendo de estação para estação á medida que nos adiantamos na estrada dos annos?

Quando a alma é bem formada o coração nunca a desmente. Bordallo, enfregue a si desde a infancia, trocando tão cedo os affagos maternos pela existencia trabalhosa e arriscada de marinheiro desde os treze annos, exposto a todas as tentações que depravam e corrompem, deu sempre de si os mais nobres documentos.

Salvou-o a pureza dos instinctos. Para elle a honra era mais do que um dever, era um culto, uma religião. A pobreza um orgulho e um brazão. Gloriava-se mais, e com motivo, de ser filho de suas obras, de subsistir dos fructos da sua penna, do que se ensoberbeceria de uma longa genealogia.

Na idade critica, em que os precipicios nos cercam por todos os lados, quiz ser, e foi homem feito no character, nos costumes, e no procedimento. Os vícios não o contaminaram; as más acções não o seduziram; a ociosidade não o entorpeceu.

Laborioso, modelo de lealdade, exemplar como militar, rico de probidade e de virtudes, nunca praticou um acto que o obrigasse a baixar os olhos diante dos outros. Os seus sonhos de mancebo eram então sonhos de innocente ambição, devaneios de poeta, raptos exaltados em que á gloria das armas e das letras se unia o tremulo e doce balbuciar do primeiro amor em um peito, em que só agora começavam a desabrochar e a florescer os mais ternos sentimentos.

Em Campolidé, no verão de 1838, viu pela primeira vez a donzella, que o subjugou. Era formosa, e prendada das graças e encantos, que fazem do amante um escravo, e do escravo um louco. Ouçamol-o fallar de si e d'ella. A tantos annos de distancia parece que ainda o coração lhe estremecia, chorando aquella illusão, tão querida, sempre a ultima que se desarraiga, e que raras vezes se arranca sem ir com ella parte da alma.

«A historia d'este amor virginal de duas creanças é a historia

singela e pura de uma primeira affeição, mil vezes repetida no mundo, mil vezes parodiada pelos romancistas.

«É uma coisa que se sente, mas que não póde descrever-se.... E que podesse? Fôra uma profanação fazel-o. Desdobrar ante os olhos do vulgo atufado no lodo da vida commum essa sublime tela de uma alma repassada de ternura!....»

«Não tentarei contar como passaram tantos mezes de felicidade, vendo todos os dias a encantadora A * * fallando-lhe, passeiando quasi a sós com ella por aquelles lindos campos entre Lisboa e Bemfica... não o tentarei, não!... Nem ha palavras que traduzam em linguagem vulgar esses divinos extasis de dois corações que se entendem.»

«Era uma ventura inefavel a que eu possuia. Durou pouco. Se era coisa minha!»

O desenlace d'esta paixão foi o que de ordinario costuma ser o das mais estremosas e arrebatadas.

O tempo e a ausencia gastaram depressa na donzella a constancia e apagaram o puro ardor do affecto. Nomeado para embarcar, e até sem tempo para se despedir d'ella, Bordallo viu fugir as costas de Portugal, e os mezes arrastarem-se uns após outros pesados de saudades. Nas longas vigílias do oceano, na lucta com a procella e os elementos, na meditação das horas vagas, a visão do amor apparecia-lhe para o consolar, e a idéa de um perjurio raras vezes the toldava os illuminados horisontes da esperanza.

No fim de tres annos veio. Correu, indagou, achou-a casada de dias!

O golpe feriu-o profundamente. Por muito tempo em terra, ou mar em fóra, na bonança, ou no estalar da tormenta, aquella imagem de suave belleza, gravada no mais intimo seio, vinha trespassar-lhe o peito e associar-se a todos os seus pensamentos. Elle proprio o confessa. O nome, a saudade d'ella vivem na Adelaide do seu romance maritimo *Eugenio* — e as ultimas remiscencias ainda lhe inspiraram a creação de Constança no drama *Rei ou Impostor!* É que estas recordações da juventude, como elle mesmo affirma, são as que mais custam a arrancar. São lembranças do primeiro amor — da unica felicidade verdadeira que nos faz vêr as venturas do céo no desterro da vida.

Encerremos aqui este episodio e affastemo-nos com o navio, que leva a seu bordo o amante ainda illudido, pelas solidões do oceano. Lá se descobrem os altos cumes das serranías da Madeira; lá está a viçosa ilha, a poetica *Flor do oceano!* Aquelle vaso ancorado é o brigue *Téjo*, a embarcação que ha de transportal-o

á costa occidental de Africa. Váe principiar um longo degredo, mas uma lição util e proveitosa para o official e para o mancebo. Soltam-se as vélas. A quilha corta as aguas, que fervem á proa brancas de escuma. Deu-se a ultima despedida. Agora só mar e céu; só a immensidade e Deus!

Em setembro de 1839 estavam na equinocial, demorando-se por quasi cinco mezes n'aquellas regiões, aonde se definhavam de miseria e de enfermidades ao desamparo as vicejantes ilhas de S. Thomé e Principe.

«Como a sua apparencia illude o viajante! diz Bordallo. São formosos jardins, que só encerram pobreza, doenças e intrigas, sob os ramos de fructíferas arvores, entre cristalinos ribeiros, ao lado de pittorescas colinas. Affastemos a vista d'este quadro melancolico já que não nos é dado remediar os males.»

Escutemol-o ainda descrevendo as proprias sensações á proporção, que o navio descobre os territorios, em que o nome portuguez foi exaltado por descobrimentos e conquistas, e hoje está decahido por culpa da ignorancia, da negligencia, e do desleixo!

«No principio de 1840 partimos para Angola. Vi então pela primeira vez esse soberbo continente africano, que os esforços de nossos avós fizeram conhecido do mundo. Não foi sem terror que descobri os areaes da Libia, aonde cresce em liberdade a palmeira; mas houve para mim uma grande compensação na chegada a tão insalubres plagas — abracei o meu amigo Correia.»

Durante a estação de Angola visitou Bordallo repetidas vezes a cidade de Benguella, aonde adoeceu das febres intensas do paiz, o presidio de Novo Redondo, e as povoações, rios, e surgidouros, mais ou menos abrigados, da Catumballa, Sobito, Egipto, Quicombo, Benguella velha, Cuanza, Corimba e Bengo.

Ambriz, Cabinda e Molembo, ainda n'essa época não arvoravam a bandeira portugueza.

Em Mossamedes deteve-se sete mezes. N'esse tempo a povoação começava a erguer-se de algumas humildes barracas de palha. A fortaleza achava-se em principio. Á guarnição do brigue *Téjo* coube a honra de lançar os alicerces da primeira casa de pedra construida n'aquelle deserto areal. Á sahida do navio já morava n'ella o governador.

Contava desanove annos de idade, e já o anno de 1840 declinava para o seu termo, quando foi promovido ao posto de segundo tenente por despacho de 26 de novembro. Seriam optimos auspicios se a nossa marinha de guerra offerecesse vantagens e estimulos; mas no fim de dez annos Bordallo ainda não

tinha subido mais um só grau! Parou ali esperando que os incidentes usuaes, e as taboas da mortalidade lhe abrissem caminho. Só em 1850 (a 12 de novembro) alcançou as dragonas de primeiro tenente!

Eis o quadro, que nos deixou de Angola e do seu estado. N'elle o observador e o escriptor em traços rapidos, e com as verdadeiras côres, não só o aspecto das localidades, mas a physionomia da sociedade tão mudavel e ardua de colher na sua expressão natural:

«O viver n'aquellas paragens é monotono. Não se encontra nenhuma das distracções dos povos civilisados, á excepção dos grandes jantares, que podiam muito bem passar para o dominio dos selvagens!

«Vêem-se ali homens febricitantes os quaes a sêde do oiro arrastou áquellas regiões, e que morrem abraçados ao dinheiro pensando ainda n'uma especulação de escravos na hora da agonia! — Enxergam-se bandos de faccinoras, que a justiça para ali enviou em degredo, e que enriquecidos por novos crimes, e ás vezes mesmo protegidos pela auctoridade, olham com desprezo para o pobre que ali aporta, e tratam os negros como o mais vil animal da creação!!!

«Quadros risonhos não ha ali — só alguma belleza de paisagem como nas vicejantes margens do Bengo e do Cotumbella — tão pouco sadios apesar da formosura do sitio. Como ha de haver sociedade se faltam mulheres civilisadas, se a morte se encarrega de juntar a miudo no sepulchro a pobre européa, que dá á luz um filho, e o tenro fructo do seu amor!!!

Nas ultimas horas que ainda lhe permittiam conceder a Angola, antes de largar o panno e de seguir caminho da patria, um lance meio comico, meio serio veio colher o mancebo de sobresalto. Certa viuva de Loanda, namorada em segredo dos seus dezoito annos não pôde reprimir as lagrimas, quando lhe annunciou a partida e se lhe offereceu para qualquer negocio de que o quizesse incumbir.

Commovida pediu-lhe alguns instantes de conferencia, e depois de um dialogo, alegrado pelas respostas de Bordallo, que não acabava de perceber o sentido occulto d'aquella grave negociação feminina, a senhora, que não era moça, nem bella, concluiu, exclamando: «Sou muito rica, mas ninguem me quer!» «Não acredito por mais que o affirme» redarguiu o joven official inspirado pela cortezia de cavalheiro. «Pois bem, prove-o. Quer casar comigo?»

«O golpe não esperado atalharia outro menos animoso. Bordallo

não se deixou trespassar pelas frechas disparadas dos olhos da Venus africana. «Agradeço muito a honra, que me faz, disse, mas já sou captivo de outra senhora.» No dia seguinte levantava o brigue ancoras e elle partia sem se lembrar sequer de que rejeitára nada menos do que uma opulencia de duzentos contos de réis. Um major contemplativo consolou esta Dido de tres Sicheus, occupando no seu talamo o lugar de quarto marido.

Bordallo entrando a barra de Lisboa e pizando ancioso as praias da patria conheceu então quanto as illusões mentiam. Adelaide era esposa de outro. A solteira tinha vingado a viuva.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.



LEITURA SOBRE ASTRONOMIA¹

II

MOVIMENTOS APPARENTES DO CÉO

Estes movimentos.... Esta admiravel disposição só podem ser obra de um ser intelligente e omnipotente.... que não d'um destino cego.

NEWTON.

ejamos, senhores, o que se depreheende de uma reflectida observação do espectaculo do céo.



Em quanto que umas estrellas surgem no oriente, somem-se outras no occidente: aquellas sobem, estas desceram.

Na região boreal está uma — a *polar* — que parece immovel.

De qualquer logar, cujo horisonte se descubra, vemos que algumas não chegam a esconder-se, ou apenas o tocam, descrevendo circulos — com quanto em planos diversos — sempre em torno de um ponto que concebemos fixo; e que as outras traçam arcos de circulos cada vez menores á proporção que se acham mais proximas d'esse ponto; sendo para julgar-se que irão completar debaixo do horisonte o circulo começado acima d'elle. Esta supposição é tão bem fundada que, se caminharmos para norte, iremos notando:

¹ Continuado do n.º 5 do 2.º vol.

que os arcos visíveis, descriptos pelas estrellas d'esta região do céu, se approximam cada vez mais de circulos á medida que nos adiantamos, até que ellas deixam de desaparecer; em quanto que outras, para a parte do meio-dia, se tornam invisíveis. O contrario tem logar se, tendo avançado para sul, contemplamos a região boreal: então, estrellas que nunca se perdiam de vista, nascem e occultam-se; e para o lado meridional apparecem outras que até alli eram invisíveis.

Por consequencia, o céu parece girar sobre dois pontos fixos: e como a posição respectiva dos astros é constante, afigura-se-nos que elle n'esta rotação leva comsigo o systema inteiro das estrellas.¹ Estes pontos fixos são por isso chamados—*polos do mundo*: — *boreal* o que está sobre o nosso horisonte, *austral* o que se imagina abaixo d'elle.

Pythagoras, Eudoxio, Euclides, e outros dos antigos astrónomos e

¹ *Meras apparencias, como pouco a pouco se irá vendo. Quanto á immobillidade das estrellas, a lentidão secular na mudança de posição relativa dos astros justifica a longa illusão. Hoje é sabido que certas estrellas teem movimento proprio. O nome de fixas convem-lhes tão pouco quanto ellas não conservam as mesmas posições entre si, e pelo decurso dos seculos ficarão fóra das constellações que hoje constituem. Os antigos enganaram-se grosseiramente n'este ponto por apparencias. De 1718 a esta parte, Halley, Cassini, Mayer, etc., por via de trabalhos (altamente auctorizados) sobre as variações de latitude e longitude de certos astros calculadas em eras distantes, teem provado irrecusavelmente o movimento proprio de um numero consideravel de estrellas. E é singularissimo que das lucubrações scientificas d'estes celebres astrónomos se tenha chegado ao seguinte resultado: que os corpos reputados até ha quasi seculo e meio como exemplo de fixidade na agitação geral do universo, são exactamente os que apresentam as maiores velocidades de que até hoje se tenha achado a materia animada. Em 1761 Lambert admittia tambem que as estrellas tinham movimentos geraes de circulação em orbitas immensas ao redor de centros desconhecidos. Segundo Mædler, o centro d'este giro para quasi todas as estrellas visiveis seria nas Pleiadas. Herschel, em desacôrdo, pretende que, a existir, esse movimento de circulação geral deveria ter logar parallelamente ao plano da Via-Lactea.*

E não é somente com relação aos movimentos das estrellas que teem sido feitas importantes descobertas, mas tambem ácerca da luz, cor, etc. etc. Assim, ha: estrellas cujo brilho diminue, outras em que elle augmenta, certas que se chamam perdidas por se lhes ter apagado o clarão, outras periodicas por lhes ter voltado, algumas novas ou temporarias por apparecerem de repente brilhantes, desmaiarem depois, e desvanecerem-se por fim etc. Veja-se o Cosmos de Humboldt.

sabios (*Cícero* até — *Seneca* começava a hesitar), todos os quaes tinham repugnancia em admitir o movimento livre dos astros suspensos no espaço, suppunham os céos sólidos e cristalinos, e as estrellas cravadas no firmamento. Acreditavam que o movimento de revolução do céu se operava realmente sobre um eixo material, girando sobre peças fixas á immensa esphera exterior. Davam á terra, por apoio, alicerces que se prolongavam até o infinito; e por conseguinte acceitavam como verdade que os astros se apagavam no oceano para se tornarem a accender no oriente. Levava-os a convicção a ponto de acreditarem que se ouvia o som que o sol e as estrellas emittiam no momento da emersão, como se fossem corpos abrasados!

Das considerações, porém, que levamos feitas se segue que a abobeda celeste não está firmada sobre a terra. Com effeito: se nos encaminharmos directamente para o norte, notaremos que o pólo se eleva sobre o horisonte *quasi* na proporção do espaço andado. O primeiro e ultimo objecto da terra que o sol doira são os cumes das montanhas. O navegante descortina os pontos mais altos das terras antes de ver a parte inferior, occulta pela convexidade da superficie dos mares. Do navio que se affasta das costas começa a desaparecer o casco, e só afinal o cimo dos mastros se emerge no horisonte.¹

Logo, a terra é um corpo isolado no espaço, e de forma *quasi* espherica. As altas montanhas, e os valles profundos não teem dimensões que lhe influam na figura geral, como se verifica, senhores, comparando as suas alturas com o raio da terra.²

Parece, pois, que o *movimento diurno* tem logar de oriente para occidente em volta da terra, como se os céos e estrellas formassem uma só peça.

E portanto, as estrellas não são vistas de dia porque a luz do sol e dos crepusculos lhes eclipsa o brilho. *O telescópio*,³ essa pasmosa in-

O pensamento d'esta leitura restringe-se a dar uma idéa superficial e rapida de tão vasto objecto, é pura recreação. Quem d'elle quizer obter bom, facil, e largo conhecimento, quasi independente da sciencia, estude a Astronomia Popular de F. Arago, cuja licção aqui aproveito frequentemente, e que é obra preciosa. N'estas notas, que — já se vê — não faziam parte da leitura, e só agora são escriptas, bebo tambem d'essa mesma fonte de erudição.

¹ *Irão avultando argumentos.*

² *Em seu logar se verá, quando se tractar especialmente do nosso globo.*

³ *Consulte-se a 2.^a das licções d'Astronomia d'Arago, e, no 1.^o tomo da citada Astronomia Popular do mesmo auctor, o livro 4.^o cap 1.^o — Histoire des telescopes.*

venção, á qual deve a astronomia todos os seus maiores progressos, esse instrumento maravilhoso que hoje augmenta milhares de vezes um objecto á vista, e que tem descoberto no céo infinidade de estrellas que não podiam ser vistas a olhos nus, capacita-nos d'esta verdade mostrando-nos as estrellas no momento em que o sol está mais elevado.

Mas escutai, senhores. A abobeda celeste, ostentando a severa magestade de uma immensa rotunda, onde vão espirar de exhaustos os echos das harmonias ethereas; ¹ essa formosa chimera, nascida das propriedades opticas do ar que envolve a terra; essa encantada illusão, que dá ao quadro das estrellas um fundo escuro, sobre o qual os seus lumes diamantinos scintillam mais mysterio, mais saudade, mais poesia —, e que para o sol se transforma em oceano de anil fluido, em que se banham com delicia os fogos incandescentes da sua luz offuscante, e que nol-a refrange esplendida mas suave; esse magico limite, por ventura adrede simulado e calculado para o olhar do homem, senhores, não existe! Isolados nos abysmos do espaço impalpavel e insondavel, equilibrada a terra por uma lei divina que rege o universo, cerca-nos por toda a parte o infinito! Essas estrellas, innúmeras como os grãos da areia que cobre as praias do mar, e cuja luz debil espalha pelo céo nocturno um clarão melancholico e morbido mas sympathico, são outros tantos sóes suspensos no espaço, a distancias incomprehensíveis da terra e entre si! são globos mais ou menos colossaes que constituem a população assombrosa do infinito, e que talvez sejam tambem habitados por entes de organização appropriada. O nosso sol tomaria o aspecto de qualquer d'elles a identicas distancias. Astros ha em condições diversas das estrellas, e que são de grande importancia para nós: releva fazer d'elles menção especial.

Desfallece-nos o espirito, senhores, quando pretendemos abarcar a idéa d'esse infinito, vasto além de todo o poder da concepção. Para vos dar uma noção fraca do infinito que contém os astros, bastará dizer-vos que: se o cavallo mais veloz, em furiosa corrida, houvera começado — no tempo em que nasceu Moisés — a atravessar a parte do espaço que nos tem occupado mais a attenção, teria até hoje andado muito pouco mais da metade do caminho.²

¹ Os antigos acreditavam muito nas harmonias geradas pelos movimentos dos astros. Pythagoras chegou a convencer-se de as ter ouvido do alto de uma montanha.

² Suppondo-se que a orbita de Urano é o limite mais longinquo do systema solar, este occupa uma porção de espaço de nada menos que 3:600 milhões de milhas de diametro. É d'esta extensão que fallo: mas a hypothese não póde ter logar; porque os cometas, que constituem tambem o systema solar, passam além d'aquella orbita, etc.

E será crível, senhores, que, a distancias á terra de milhões de milhões de milhas a que se acha uma infinidade de estrellas, possam ellas descrever circulos incommensuraveis em roda de nós no movimento diurno?

O que! Pois esse exercito infinito de gigantes cobertos de refulgentes armaduras, tendo por balisas do centro da eterna evolução, ao norte o guia immovel do seu giro¹, e os brancos e fluctuantes estandartes nas argenteas *nuvens de Magalhães* ao sul², ha de reproduzir sempre inalteravel a marcha de acceleração delirante, ao som das musicas celestes, por sobre os campos esphericos do espaço!?

Ou serão as estrellas realmente fixas, sendo o nosso globo que gira sobre si, levando-nos arrebatados pelos ares a assistir ao espectaculo successivo e eternamente periodico dos céos? Mas poderá, n'esse caso, admittir-se que as estrellas não tenham outra missão mais do que o prestarem-se á contemplação e delicias, ao conforto e esperança do homem?

Será qualquer d'estas idéas condigna á prodigiosa grandeza da criação?

Senhores! Por entre as brilhantes legiões da etherea milicia, em sentidos diversos do apparente movimento geral, divagam vultos mysteriosos. De espaço a espaço de tempos, um singular guerreiro, indifferente a distancias e a fadigas, deixando muitas vezes apoz si um turbilhão immenso de luminosa poeira, corre apressurado por meio das attonitas phalanges, transmittindo-lhes certo alguma nova e urgente ordem do *invisivel Chefe Supremo!* D'onde, e a que vem tão extraordinarios e rapidos mensageiros?!

Paremos aqui, pois não devemos antecipar conhecimentos. Paremos aqui, senhores, para nos curvarmos com *Newton*, sacerdote inspirado da sciencia, diante do *Ser Omnipotente*, Creador do Universo.

Fixemos as idéas, acceitando por ora ainda o movimento apparente do céu.

Para se comprehender o movimento dos astros, imagina-se uma linha recta passando pelo centro da terra e pelos polos, em torno da

¹ A polar.

² *Constellações do sul a que os maritimos chamam Nuvens do Cabo, e cujo nome parece ter por origem a viagem de Magalhães em volta do globo. No lugar proprio tractaremos d'ellas. Desculpe-se-nos o pouco rigor e arrojio do texto.*

qual gira a esphera celeste : é o *eixo do mundo*.¹ O espaço que contém os astros sendo infinito, não ha erro sensível em suppor-se a terra no ponto que esta linha exige; pois que esse erro seria uma quantidade desprezível em presença das distancias immensas das estrellas entre si e a terra.

Equador é o circulo maximo perpendicular a este eixo.

Parallelos são os circulos que as estrellas descrevem parallelamente ao equador.

A cada ponto da terra corresponde uma vertical, que, sendo prolongada, vai na parte superior encontrar um ponto do céu que se chama *zenith*, e na inferior o *nadir*.

Meridiano é o circulo maximo que passa pelo zenith e polos.

Horisonte é o circulo maximo perpendicular á vertical, ou parallello á superficie das aguas tranquilllas no logar da observação.

Com estas noções, passemos a occupar-nos do sol.

(*Continúa*).

LUIZ DA COSTA PEREIRA.

¹ Parece que Anaxagoras acreditava que, na sua origem, todos os astros giravam em roda do zenith, ou que o eixo do mundo era vertical. Arago pergunta com razão : mas de que zenith fallava Anaxagoras?

FRANCISCO AUGUSTO METRASS



indispensavel dar uma idéa d'este quadro.

Sobre um fundo de sombras bituminosas, que representa o interior opaco da celebrada Gruta de Macáu, vê-se o poeta assentado. Ao lado esquerdo, a caverna rôta deixa vêr largos horisontes banhados de luz serena, por onde Camões alonga os olhos, com a soffreguidão da alma que procura novos e melhores destinos. Era n'este logar onde o bardo luzitano, a sós com o seu genio e a natureza, ia pedir á immensidão das aguas e á infinidade do espaço, inspirações para o seu espirito e desafôgo para as suas angustias. A attitudo do poeta traduz um d'aquelles arrebatamentos

intimos de exaspêro, em que a realidade armada de todos os revezes, nos rasga o véo dos sonhos fagueiros, retalhando-nos o coração e revolvendo-nos a phantasia n'uma procella de attribuições. Desferindo fogo do olhar, com a faces contraídas e entrevendo-se-lhe tumultuar sob a fronte a lucta de pensamentos que lhe exacerbam o espirito, dir-se-ha que um movimento convulso

e instinctivo levára a mão esquerda a apoiar a cabeça, como querendo suffocar a tempestade que lá se revolvía dentro, em quanto que a mão direita mal sustem a penna, e desfallecida em cima de algumas paginas dos *Lusiadas* que se vêem sobre o joelho do poeta, parece lhe fugira o alento e esfriára o calor do éstro. Um impeto de angustia desviára aquella alma de seus vôos poeticos. O poema esquecêra ante a tremenda perspectiva da desgraça; e o espirito, voando ás patrias regiões, concentrára a sua energia n'uma lembrança acerba, n'uma exprobação pungente. É o genio da poesia no exilio, que reage contra a injustiça dos seus. É a nossa maior gloria litteraria, fulminando os ingratos que a deixavam esmorecer longe da patria.

Contrastando com a vehemencia d'esta dôr, e aos pés de Luiz de Camões, está sentado o pobre Jáu, encruzado e submisso. O escravo, ou antes o amigo, olha triste para as paginas dispersas dos *Lusiadas*, e como que tem desejos de chorar. Uma expressão de melancholia resignada e suave lhe anima o semblante. Parece que um raio de luz, desprendendo-se da aureola do poeta, vem derramar uma expressão ineffavel na face do fiel Antonio.

No primeiro repente, dir-se-hia que este contraste de physionomias, de attitudes e gestos desligam as duas figuras e quebram a unidade da composição; mas não é assim, porque um sentimento intimo une o escravo ao poeta, e esse manifesta-se verdadeiro e eloquente, apenas modificado pelas sensações diversas que o completam entre os dois no seu desenvolvimento dramatico. Uma historia povoada de transes acerbos em horas de provação, de rasgos fogosos accendidos pela exaggeração de poeta, de vigílias e privações cscarnecidas pela irrisão do destino, de nobres ambições lisonjeadas pelo sorriso da perfidia, de lembranças penosas de um amor infortunado, de martyrios trahidos pela amisade ingrata, de saudades da patria, de sacrificios, de abnegação, uma historia emfim cujo prologo é o exilio e o epilogo a morte no abandono, torna estes dois homens o complemento um do outro. Na face do cantor das glorias luzitanas está pintado o resentimento do genio ultrajado pela insidia dos falsos amigos, e pela rudeza e desprezo da ignorancia. Camões parece até estar n'aquelle momento supremo em que a indignação lhe arrancára este brado de exaspéro:

No mais, musa, no mais que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de vêr que venho
Cantar gente surda e endurecida:

e o Jáu, esse representa o soffrimento resignado, a dôr, a compaixão sollicita e encarecida pelos extremos de amisade. Póde-se dizer o ente predestinado, que instinctivamente se sente ufano e engrandecido da missão a que a sorte o destinára, junto de um dos maiores genios do seculo xvi. Os disvelos da sollicitude symbolisam n'elle os cuidados, o reconhecimento que Portugal negára ao illustre amante de D. Catharina de Athaide. É uma reparação e uma censura ao mesmo tempo: censura viva á terra de Camões; reparação com que a Providencia ao menos suavisa as horas de amargura do mal aventurado bardo luzitano. O pobre Antonio representa o genio da desventura, que olhando enternecido para as paginas confundidas e espalhadas d'aquelles cantos admiraveis que jazem aos pés do poeta, lastima a sorte d'este, lançando-nos um anathema n'estas palavras: — És grande! és immortal! Os teus não te mereciam!

O merito poetico não é o unico que recommenda o quadro de Metrass. Os olhos não se satisfazem menos que o pensamento. A harmonia que reina em todas as partes da composição, é inquestionavelmente o resultado de um profundo estudo.

O caracter individual das cabeças não repelle o ideal. A cabeça de Camões resume o bello poetico das cabeças de Raphael e a severidade e fogo do typo peninsular. Um artista de menos esphera que Metrass, procuraria para o seu heroe a expressão banal dos extasis com que é costume representar os poetas, de rosto suspenso e olhos embevecidos na contemplação das perfeições de um ideal desconhecido; mas elle, como artista de coração e intelligencia, viu na cabeça do cantor de Vasco da Gama a solução de um problema digno das suas faculdades, e tratou de conciliar o sentimento poetico, com as circumstancias dramaticas. A physionomia do grande epico não é sómente a do vate inspirado, é mais ainda a historia de Camões, mas na energica expressão moral. Ao contemplal-o, o seu olhar fere; e d'aquella fronte befejada pelo genio e radiante da magestade do infortunio, vêem-se pullular em relutancia turbilhões de idéas, que aggravam penas bem fundas em todo o peito portuguez.

A mão que se fecha e aperta de encontro á cabeça, pelo movimento energico de contracção nervosa que a agita, é um estudo anatomico de muita verdade e eloquencia de paixão. Só estudando muito o natural e Miguel Angelo, se conseguem d'estes resultados.

A cabeça do Jáu é de mais facil execução, que a do poeta; mas além de ser igualmente bem modelada, n'aquella face tostada pelo sol da Asia palpitam os impulsos do affecto com a

suavidade de uma alma candida. Porém, o mérito do escravo ainda é outro. Todos aquelles que amam verdadeiramente a pintura sabem que uma das suas condições essenciaes é o *nú*, porque é unicamente na reproducção sem disfarce da estrutura humana que se revela o saber. As roupagens e armaduras, por maior que seja a habilidade do pintor ou do estatuario, não dão nunca a medida dos conhecimentos positivos. O escravo malaio, apenas cingido de uma tanga, como os indigenas do seu paiz, apresenta uma das difficuldades d'este genero, por que a ignorancia dos conhecimentos anatomicos não se pôde occultar debaixo d'este trajo, e Metrass venceu a difficuldade. É bem desenhado e sabiamente colorido. Com mais naturalidade ninguem sustenta uma attitude tão sublime de dôr e simplicidade.

O grupo de livros e da espada, que figuram por terra no primeiro plano, revela de um modo bem evidente o conhecimento da perspectiva, sciencia por muitos ignorada, e até de grandes mestres, mas que se vinga cruelmente d'aquelles que a desprezam. Finalmente, este quadro reúne as condições que elevaram o seu auctor á plana de pintor distincto e de largos horisontes diante de si. Elegancia e correcção de desenho, o colorido brilhante e suave dos bons mestres venezianos, profundo sentimento dramatico, ideal poetico, e tudo manifestado n'uma composição facil sem vulgaridade, e harmoniosa sem uniformidade, taes são as suas qualidades mais apreciaveis. Hoje pertence a Sua Magestade o Sr. D. Fernando que, como principe duplamente coroado pelo diadema da realza e de artista, foi o primeiro a dar os emboras a Metrass, pelos seus progressos na pintura, e a mostrar quanto appetecia a posse de seu valioso trabalho.

E não se contentou com isto, porque encomendou ao sr. Joaquim Pedro de Sousa, hoje professor de gravura da Academia, a gravura do mesmo quadro, o que ainda resta por fazer, achando-se todavia concluido, e com grande esmero de acabamento, o desenho reduzido a pequenas dimensões, que os leitores por certo já conhecem, pois esteve patente na exposição de 1856, e é um esforço de mimo de toque e juntamente de força de claro escuro. Parece uma gravura a agoa-forte, saída dos melhores burís inglezes.

A idéa que então se principiou a fazer geralmente do artista, contribuiu para lhe accender as forças do talento, e obrigar-o a encetar novas composições. São talvez d'este tempo as phantasias arabes, pequenos quadros representando varios episodios da vida do Oriente, que accusam as reminiscencias ainda frescas dos trabalhos de Decamps e Marilhat, trabalhos que Mettrass não

podia deixar de ter visto muitas vezes em Paris, e até inspirar-se d'elles, porque o raro condão com que estes pintores se apoderavam dos segredos da existencia oriental, o que lhes deu como uma segunda natureza, transmite-se de certo ás organizações privilegiadas que os comprehendem, porque os effeitos de seu pincel passam rapidos e ardentes, conforme elles os lançaram na tela, da sua phantasia ao animo de todos aquelles que os admiram.

D'estas tentativas (porque Metrass nunca elevou este genero de pintura ás proporções de um trabalho definitivo), a melhor é de certo a *Caravana atravessando o deserto*, pelo vigoroso effeito de luz que se derrama no quadro, e que contribue para um forte jogo de contrastes.

Mas o sentimento ardente e a suave expressão de abandono voluptuoso da natureza oriental, fallece n'estas composições, porque o talento do pintor, essencialmente ideal e contemplativo, a ponto de não poucas vezes degenerar em melancolico, mas melancolico d'aquella poetica e languida tristeza do genio allemão, não fa muito para estes assumptos em que o pincel precisa ensopar-se nas tintas suaves, e ao mesmo tempo voluptuosas e ardentes, das quaes cada toque é um estimulo dos sentidos, porque cada toque resume um raio de luz da atmosphera luxuriante, a cujo sópro tepido e embalsamado adormecem os seus naturaes, no regaço impudico dos prazeres dos harens. Estes estudos, portanto, podem-se considerar como um brinco de pincel, como uma recordação, feliz recordação, apreciavel brinco, com que o artista sáe casualmente do circulo predilecto de suas tendencias especiaes a ensaiar outros generos.

E isto prova-se logo, olhando-se para o quadro da *Viuva junto ao cadaver do esposo*, tocante elegia de um amor infortunado, em que as naturaes propensões de seu genio melancolico desaforam, reunindo os dolorosissimos elementos de uma luctuosa situação dramatica. O pathetico da angustia revela-se n'este triste episodio com a singeleza da verdadeira dôr. Não é casa o que se vê n'este quadro, é apenas um taciturno desvão, que a indigencia habita, e que a morte vae visitar para a lançar nos horrores exasperantes da agonia, em roda da qual se apaga todo o vislumbre de esperança. Ao lado esquerdo do espectador vê-se o cadaver do marido, não digo bem, o cadaver não se vê, porque Metrass, talento delicado, e que sabe encontrar a eloquencia dos grandes affectos sem ferir repugnantemente os sentidos, não se serve jámais d'estas manifestações exageradas de um realismo grosseiro: o cadaver não se vê, porque o amortalha um

lençol ; mas presente-se, palpam-se-lhe as fórmãs, e como que se adivinha até o transe extremo que acabou de lhe arrancar o derradeiro alento, tal é a verdade com que as dobras d'aquella roupa mortuaria o envolvem lugubrememente e o indicam á vista !

Junto ao finado está a esposa de joelhos, e mais longe, para o lado direito, brinca com um cão uma linda creança de um anno, alheia e incuidosa de todo o apparato funebre que a rodeia.

O contraste em tudo isto é sublime.

Com menos traços nunca a poesia das dôres extremas pintou mais eloquentemente a desolação de um peito de mulher. A pobre rapariga, com as mãos agarradas ao cadaver, como sendo-lhe impossivel separar-se do companheiro da sua existencia, volve comtudo um inexplicavel olhar de agonia para o filho, querendo talvez achar n'elle uma lembrança viva do esposo que a morte lhe rouba e que a deixa á beira dos abysmos de uma dôr que não tem consolação.

Talvez o observador intelligente note, na attitude da viuva, alguma cousa de contrafeito, e de convencional nas prégas do vestido, mas estes defeitos em nada diminuem o merito da composição, cuja simples vista basta para commover profundamente, porque n'um relance rapido os olhos e o coração abrangem todas as circumstancias d'esta afflictiva scena. Ha tristeza, ha desolação, ha até solemnidade em todo o quadro.

Este quadro é já a revelação, e até explica de certo modo os motivos porque Mettrass se comprazia de tratar assumptos, que só poderiam ser inspirados pelo genio das summas tristezas humanas. O que parecerá a alguém uma predilecção do artista, era uma necessidade de desafogo do genio do homem. As situações luctuosas de varios transes de morte, como n'este quadro da *Viuva*, e no só *Deus* ; a expressão de uma dôr intensa e sublime, como nas cabeças de D. Ignez e do Camões na Gruta de Macau ; o sentimento vago de uma magoa infinita, similhante ao adeus sem esperanças que se exhala de uns labios de vinte annos, como aquelle que o proprio artista parece dizer-nos no seu retrato ; a revelação ideal da alma que se consome nas violencias da dôr sem conforto, como a que exprime a physionomia do Jau ; a melancholia ingenua, finalmente, do espirito que á entrada da vida presente já os desgostos do mundo, como no retrato do sobrinho, todos estes episodios são como o pretexto que as suas naturaes propensões de melancholia procuram para desafogar, propensões que não só resumem a manifestação do character do homem e do artista, como já apontemos, mas que são tambem

os symptomas que, passados annos, haviam de converter-se n'essa fatal doença de alma que lhe extinguiu as forças da existencia.

Por muitas rasões de analogia, pertence tambem a esta collecção a *Menina e a pomba*, delicada inspiração de uma poesia engenua e sentimental, em que a singeleza do pensamento em nada cede á pureza do desenho, e mimo do toque.

É difficil de decidir, se Metrass propendia verdadeiramente para o genero historico. Se intendem por pintura historia sómente os episodios que o exclusivismo respeitoso da tradição academica consagrou n'uma dada época, e esses trasladados para quadros de proporções immensas, se intende dentro d'estas condições tão convencionaes uma das mais bellas inspirações do pincel antigo e moderno, Metrass não era pintor historico; mas se intendem que a pintura historica, como o genio da epopeia, póde produzir tanto um Dante como um Tasso, tanto Klopstock como Byron, se intendem isto, n'este caso Metrass era pintor historico, porque só um talento que se impressione dos grandes dramas da paixão humana, quer suggeridos pela leitura dos fastos das nações, quer inspirados pelos acontecimentos da actualidade, ou pelas acerbas angustias do coração, consegue chegar a essas regiões ideaes, em que todos os factos da vida assumem as proporções grandiosas que, traduzidas na combinação das côres, immortalisaram Miguel Angelo a par de Raphael, e Ingres não longe de Cornelius.

A pintura historica reside ainda mais no espirito, que na forma. Bem pequeno é o quadro do *Papa Pio VII officiado no Vaticano*, de Ingres, e ninguem dirá que a serenidade augusta d'aquelle acto e a magestade sacerdotal que o reveste, tão elevadamente comprehendidas pelo illustre pintor francez, não realisam a verdadeira grandeza historica.

Aventuramos estas considerações, porque vamos fallar agora de alguns trabalhos, que talvez aristarcos escriptos hajam tentado excluir do genero que lhes compete, mas que, pela sua valia, teem inquestionavelmente direito a serem considerados de baixo de uma relação superior. O primeiro d'estes trabalhos (primeiro na ordem por que foram produzidos) é o quadro de *Dona Ignez de Castro*, angustioso lance inspirado pelo mais pathetico dos episodios da historia portugueza. Metrass conhecia que em breve teria de ser chamado a occupar um logar de professor na Academia, e por isso tratou de ir progredindo nos estudos tão auspiciosamente encetados na Italia e França.

O primeiro quadro pintado com este proposito é o de *Dona Ignez*. Não instauraremos agora aqui o processo de todos os capitulos de

accusação que a inveja, a má fé, ou simplesmente a sinceridade ignorante levantaram contra este trabalho. Bastará dizer que houve injustiça no modo de o apreciar. Não é de certo o melhor do artista, e até está longe de prognosticar as faculdades de composição que depois revelou no *Camões lendo os Lusíadas*, e a sciencia de colorido do *Juizo de Salomão*; comtudo não desaira, ainda hoje, o pincel que o pintou. É indispensavel considerar principalmente o complexo de difficuldades com que Metrass luctou para fazer este quadro: faltaram-lhe modelos do natural, indicações historicas seguras, e todos os demais subsidios de que se auxilia o artista, porque são ao mesmo tempo o seu guia, o seu conselho e a sua instrução. Tudo isto elle obteve em Paris, quando pintou o *Camões na Gruta de Macáu*, e tudo lhe escaceou aqui. Para desenhar o proprio leito de Dona Ignez e outros moveis do aposento, teve de phantasiar, partindo, por inducção, do estylo que haviam adoptado os móveis em épocas aproximadas, porque ninguém lhe soube mostrar, nem explicar, como eram os moveis do seculo xiv! Com esta carencia de esclarecimentos archeologicos, e sem o auxilio dos mais que conduzem á verdade, o artista teve de entregar-se aos recursos das suas cogitações, e estas nem sempre acertam em obras d'estas, quando não são allumiados pelas luzes da historia, e de outros conhecimentos positivos. E apesar d'isto, Metrass venceu muitas difficuldades. Tem bellas coisas o seu quadro. A composição era difficil, e está talvez pouco estudada, mas todos os defeitos que se lhe notam a este respeito nascem da natureza da concepção do assumpto, que até mesmo nas mãos dos pintores mais distinctos, seria sempre um problema custoso de resolver. É um quadro que resume uma suprema situação dramatica, quasi n'uma figura unica; é necessario, portanto, que o gesto, que a physionomia, que a attitudo d'esta figura seja de tal modo eloquente de paixão, espontanea e vehemente em todos os seus movimentos, que traduza toda a lucta de sensações que a atormentam. Vê-se Dona Ignez no seu aposento, nos paços de Santa Clara, com seus tres filhos. Ella sabe que as machinações de Pedro Coelho e Alvaro Gonsalves, inimigos de seu esposo, venceram o animo de D. Affonso iv, e que a sua perdição fôra jurada nas trevas de um negro e traiçoeiro conciliabulo. É no momento de chegarem os assassinos, já quando elles levantam o reposteiro para entrarem, que o artista imaginou o seu quadro. Como a aguia salteada no seu ninho, a infortunada esposa de D. Pedro presente os seus crueis matadores, e, sobresaltada, ergue-se e só trata de escudar com o proprio corpo as innocentes creanças, que esconde atraz de si, com um movi-

mento instinctivo do braço esquerdo. Nada mais natural, e ao mesmo tempo mais expressivo do que o olhar de curiosidade receiosa de um dos infantes por cima do braço do irmão! As creanças todas estão agrupadas com muito conhecimento das regras de composição, mas a posição de D. Ignez, talvez não exprima os impetus de angustia e temor que devem tumultuar n'aquelles seios maternos. Mas que difficil não é toda esta violentissima situação! A figura de Dona Ignez tem de dizer o que se vê e o que se não vê. No seu semblante é necessario que se leia o episodio inteiro de seus tristes amores. Os assassinos não se avistam, mal se lhe distingue a sombra na parede interior, e comtudo é indispensavel que a attitude da afflicta mãe explique já o motivo do seu pavor. A quem não conhece a historia e, por conseguinte, a quem não conhece as razões do susto de Dona Ignez, a figura d'esta parece exagerada, melodramatico; e a quem sabe todos os lugubres transes d'aquelle infortunio, representa-se-lhe ainda frouxa a expressão da angustiada dama que sente sobre si e sobre os filhos o punhal da traição. Contradição difficil de resolver, e que não podia deixar de collocar o artista entre as hesitações resultantes d'estes dois modos extremos de conceber e compôr o seu quadro.

Todavia é preciso confessar que a bocca e os olhos de Dona Ignez são bellos de paixão. Ha n'estes sobretudo um eloquentissimo movimento de consternação: as lagrimas saltam d'elles, como as sabem verter os seios feridos da mãe attribulada. Metrass sacrificou de certo a tinta á expressão; e até mesmo n'esta cabeça talvez haja alguma duresa dos lineamentos da estatuaria, por que Metrass só a custo conseguiu banir de todo as remeniscencias da escola de David, que tantos seguidores teve em França; mas apesar d'isto, e da pouca harmonia que lança no effeito geral do quadro o traje de Dona Ignez, ainda esta composição encerra bellezas, que a analyse conscienciosa não póde esquecer.

Veu depois o anno de 1854, e a morte do substituto da aula de pintura historica obrigou a pôr a concurso este logar. Foram diversos os concorrentes. Metrass entrou n'esse numero. O programma para o concurso foi o *Juizo de Salomão*. Metrass collegiu as suas forças, coordenou os seus estudos, e dispôz-se a pôr em obra o thema dado pela Academia. Esse quadro é uma das mais harmoniosas composições do seu pincel. Todos conhecem a fórmula da sentença d'aquelle rei sabio, que a penna vigorosa de um dos nossos primeiros dramaturgos accommodou já á scena portugueza. O artista soube-a dispôr com singeleza e verdade. Fallando-se em Salomão, no famoso rei da Judéa, cuja sumptuo-

sidade dislumbrava os potentados da Asia, talvez se espere divisar uma mostra d'essa magnificencia, que tribulava as mais longinquas nações do mundo para realizar os seus caprichos; mas o pintor fugiu a esses accessorios, que ás vezes o engenho mediocre aproveita unicamente para disfarçar a pobreza dos elementos essenciaes da composição. O primeiro mérito d'este quadro é a vigorosa concepção da tradição biblica, e a simplicidade dramatica da composição. Salomão está sentado no throno, ao fundo do quadro, na attitude indecisa de quem medita, antes que dê o signal ao escravo nubio, o qual, n'uma posição magnifica de indolencia indifferente para com todas as peripecias do drama que o cerca, espera com o gladio alçado sobre o hombro e com os olhos fitos no monarcha, que este lhe acene para descarregar o golpe na creança disputada. A mãe fingida, com as sombras de seu crime escurecendo-lhe o aspecto, lança olhos torvos sobre esta scena, não ousando acompanhar a sua culpada affirmativa de novos protestos. O affecto materno rebenta com explosão pathetica no gesto, e no olhar de viva e dolorosa consternação da mãe verdadeira. Em attitude supplice diante do rei hebreu, o temor de perder o filho obriga-a a interpor com violencia um braço entre o golpe fatal do escravo, em quanto, voltada para Salomão com um gesto felicissimo de abnegação sublime, brada que a verdadeira mãe não é ella, mas a outra. Ao lado esquerdo do throno do principe, completam o quadro tres figuras em grupo, talvez tres personagens da cõrte do grande monarcha, os quaes o observam assombrados da sua admiravel previsão.

Em todos os semblantes se manifesta, com calculado accõrdo, os effeitos distinctos da acção. A observação do critico não se desvaira com incidentes superfluos, ou quebra da harmonia geral. Percebe-se logo que todas aquellas figuras compõem um drama, cujo pathetico reside na mulher que está de joelhos, e cujo desenlace pende dos labios de Salomão. Não carece de explicado, comprehende-se, sente-se. As oppostas sensações que poderiam causar todos os lances d'esta scena, encontram desaffogo e expressão nas diversas personagens. Metrass, como já indicámos, havia-se affastado da chamada escola classica, no sentido mesquinho e restricto das convenções academicas; mais provou n'este quadro que era possivel alliar o ideal antigo, e o estylo severo dos pintores illustres, com a maneira *verdadeiramente humana* de interpretar e produzir situações d'estas. Por isso, se fez uma concessão ás tradições de seus antigos estudos feitos em Italia, se mostrou que havia comprehendido todo o bello das obras d'esses artistas que formaram as grandes escolas de pintura, tam-

bem provou que o sentimento, a paixão, o affecto dramatico era a verdadeira alma d'essas regras e preceitos, que sem o fogo da phantasia moderna, e os resultados do estudo da natureza, são fôrmas sem vida, corpos sem alma.

A harmonia linear, e a bella tinta veneziana provam sobre tudo quanto o artista tinha estudado Giorgione e Bassano, e a facilidade de lhe devassar os segredos de sua palheta brilhante, e riquissima de tons. N'este particular, as roupas da mãe fingida, e as das figuras em pé que lhe ficam proximo, são modelos completos.

Foi n'este concurso que Metrass fez o esbocêto do *Enterro do Christo*, n'um imprompto de tres horas. Como composição, é talvez o mais inspirado trabalho do artista. A figura do centro, crêmos que Nicodemos, illumina-se verdadeiramente da expressão de uma dôr ineffavel. O fóco de luz evangelica que banha o corpo do Christo, parece tel-o tambem innundado do fulgor de seus raios. Ha em todo este esbocêto o sentimento, e ainda mais, ha o vigor, que era um elemento pouco commum no talento de Metrass, e que inspira todas as funebres sensações d'esta elegia religiosa e solemne.

Estes trabalhos, como não podia deixar de ser, conseguiram o lugar de substituto da Academia a Metrass. D'aqui por diante a sua indole artistica dá mais desafogadamente sôltas ás suas predilecções. Já não é necessario mostrar-se *classico*, como uma habilitação indispensavel para o exercicio do professorado. E dizemos *classico* no rigor dos velhos preconceitos; porque a arte moderna, como a antiga, tambem tem a sua época classica, e os seus representantes classicos, porque tem os seus periodos de gloria, e as suas consagrações inalienaveis, e era para esta escola, mais esclarecida, por ser mais verdadeira, para onde o nosso artista se sentira desde logo attraído. Colocado, pois já n'uma situação definida, e apreciado por uma roda de amadores e amigos sinceros, dos quaes eu era de certo o mais humilde, mas não o menos fervoroso e instigador, o seu pincel pôde correr livremente na tela, inspirando-se dos assumptos que os estudos de predilecção, e os impulsos naturaes da phantasia lhe completaram.

A primeira exposição triennial que teve logar na Academia, logo depois d'estes factos, que foi em 1856, já patenteia bem ou sadamente que o novo professor se havia entregado, sem reserva, ás suas tendencias espontaneas. E esta exposição foi talvez uma das mais notaveis, ou, para melhor dizer, foi a mais significativa, se quizermos observar a transformação que já se ope-

rava nas idéas, transformação que se revela na mór parte dos trabalhos que ahi appareceram então. A feição moderna predominou n'essa exposição. Conheceu-se que os vóos da imaginação haviam transmittido o seu impulso electrico aos toques do pincel, e que entre as concepções do artista e os processos mechanicos da arte, o sentimento e a inspiração não tinham sido repellidos, como influencias escusadas. Os quadros *Só Deus!* a *Leitura do romance*, de Metrass; a *Volta do trabalho*, de Annunciação; o baixo-relevo do *Cholera*, de Victor Bastos; *Os quatro artistas em Cintra*, de Christino provaram a nova direcção dada ás lucubrações dos nossos primeiros talentos. E cumpre que se diga, que, n'esta cruzada, os passos mais audazes foram dados por Metrass. Basta citar as duas composições já referidas, cujo titulo por si inculca a franca adopção das inspirações romanescas, para conhecermos que os velhos themes da historia grega e das legendas dos santos descansavam ao lado das insulsas allegorias de Cesar Rippa. E é por esta natureza de inspirações, que o novo professor abraça com todas as forças poeticas de seu espirito naturalmente propenso aos incidentes sentimentaes, que Metrass se mostra o successor, e o continuador do movimento que Sequeira imprimira na pintura com os seus quadros biblicos, e principalmente com os phantasticos esboços, com que aquelle genio tão pouco apreciado quão admiravel, se dispunha a illustrar o episodio da *Torre de Ugolino*, do Dante.¹

A composição de qualquer d'estes quadros é singella. Na *Leitura do romance* vê-se uma bella mulher lendo, reclinada á sombra de uma abobada de folhagem. Uma suave e voluptuosa poesia affaga aquella fronte que sorri meditando nos segredos que lhe revella a pagina indiscreta, e que agita talvez de sequiosos desejos aquelles seios formosos, que tantos attractivos descobrem. Lembra as horas calmosas de junho, em que o desfallecimento do corpo nos leva a repousar alguns momentos antes de procurarmos n'um banho o sensual recôbro das forças perdidas. Ha uma certa languidez na luz tranquillã e velada de meias sombras, que se projecta em todo o quadro, e a qual adormece e encanta os sentidos. Não é uma pintura, é um sonho meigo e dulcissimo de arrôbos como os imaginára Anacreonte ou Ovidio.

¹ Foi já depois de ter começado a escrever esta biographia, que vi estes magnificos esboços. Foi a obsiquiosa solitudine artistica do Sr. Marquez de Sousa Holstein, talento entusiastico a que as artes em Portugal podem vir a dever bastante, que eu devo esta fortuna. São uma inspiração estes esboços! É principalmente admiravel o que representa o conde Ugolino estorcendo-se nas ancias da fome, e vendo em roda de si os filhos desfallecerem nas vasgas de uma agonia extrema. Nada de mais funebre nem mais poetico. O genio das tectricas inspirações de Dante achou em Sequeira um fiel e vigoroso interprete.

Alguem lembrou-se de taxar este quadro de imitação da leitora de Corregio. É preciso não conhecer um, nem ver o outro. A expressiva physionomia da mulher encerra todo o ideal moderno; nem a *pose* se aproxima do trabalho de Corregio.

Só Deus! é um afflictivo episodio, que confrange o coração do observador. A impressão do quadro é solemne e triste. Uma luz surda allumia escassamente uma atmospherá humida, tempestuosa e sombria. Do fundo, e debatendo-se em flocos de espuma de encontro aos penhaseos, precipita-se, com impeto violento, a torrente, que arrebatára na sua passagem temerosa uma pobre mulher com o filhinho ao collo. O impulso das aguas arremessára a pobre mãe para junto de um tronco lascado, que ella agarra convulsa e phreneticamente, com derradeira esperança de salvação. A creança, contraída pelo susto, e hirta de frio, agarra-se aos cabellos da infeliz. A expressão da cabeça d'esta creança só a poderia inspirar a vista de uma desgraça semelhante. Dá vontade de correr ao quadro e de a salvar. Entre os tons escuros das aguas verdinegras e revôltas e os ares desoladores que dominam todos os accessorios, o corpo arroxado e virginal da creança, e a alvura dos seios e braços da mãe, produzem uma dissonancia de um effeito terrivel, que faz sentir ainda mais o horror de toda esta scena.

Os individuos que intendem exageradamente o realismo, deviam estudar n'esta composição como se chega aos maximos effeitos da impressão dolorosa, sem jámais appellar para recursos grosseiros e repugnantes: aprenderiam aqui como se póde dar belleza e poesia aos objectos, até mesmo no meio da confusão desoladora de um accidente que abala profundamente os sentidos.

Estes quadros pertencem ambos a Sua Magestade o Sr. D. Fernando.

A *Leitura do romance* tem um formoso *pendant*, que ficou por acabar. Possue-o hoje o pae de Metrass, como outras obras que já indicámos.

Outras composições, que pertencem á mesma ordem de impressões e estudos, foram feitas por esta época, e nos dois annos seguintes, como duas cabeças de arabes, um gracioso quadrinho com duas nymphas á beira de um lago, e outros muitos trabalhos, porque Metrass estava sempre a esquiçar, habito que não perdeu nem nos ultimos dias de sua vida. Aquella imaginação preocupada de continuo de cousas da arte, concentrava-se toda no seu ideal, e por esta mesma especie de obsessão tinha necessidade de lançar ao papel as suas impressões de momento para desafôgo e estudo.

É aqui a occasião de mencionarmos o lindo quadro da *rola dormindo*, brinco de pincel, mas brinco de pincel que pôde sair affeito do circulo de seus trabalhos habituaes, e arriscar-se a investir com as difficuldades privativas de outros quaesquer generos. A *rola dormindo*, como composição, é comparavel a uma das mais singellas e doces estrophes de Gonzaga, e como trabalho de arte é e será sempre um primor de suavidade de tinta e a prova do mais subtil e primoroso toque. Vê-se que Metrass, apesar dos seus instinctos irresistiveis, tinha a flexibilidade dos verdadeiros talentos, e que com perserverança e observação devassaria os segredos de todas as manifestações da pintura. E poucas cousas se podem comparar á simplicidade d'este quadrinho. Sobre o fundo de uma velatura de bitume, vê-se uma rola a dormir, empoleirada na borda do cesto do ninho. Por detraz, na penumbra do quadro, descobre-se o macho. A rola respira; e parece que, se a aragem lhe roçasse as pennas, as veríamos voar, tal é a transparencia da tinta e a verdade e a delicadeza do toque.

Todos conhecem a difficuldade de tornar sensivel a differença da ave que está morta, da ave que dorme simplesmente: porque na apparencia, a ave que fecha os olhos, parece morta, pois n'elle não ha expressão moral. Comtudo esta difficuldade venceu-a Metrass, e como elle a venceu! Parece que não fizera outra cousa em sua vida, senão pintar d'esta especie de animaes. É tão natural a postura da rola, arfa-lhe o peito com tão visivel sensação, deixa entrever os olhos semi-abertos com o movimento tão peculiar dos passaros dormindo, que parece que aquelle somno se nos communica: aquella tranquillidade faz-nos vontade de dormir.

Insistimos n'estas particularidades, porque este quadro pertence já a um genero que nunca foi tratado por Metrass, e este unico trabalho que conhecemos d'elle, prova a facilidade de se apropriar dos differentes segredos que formam ás vezes a personalidade e o merito de um artista.

Este quadro é hoje do sr. Tomazzini, amator de verdadeiro espirito e coração de artista, que o aprecia como um inquestionavel thesouro de graça e naturalidade.

Temós depois *Camões lendo os Lusíadas*, que é de certo o seu primeiro quadro, como composição. O illustre cantor das glorias portuguezas está de pé, com gesto inspirado, diante da côrte reunida de D. Sebastião, que este príncipe convocou para ouvirem do vate immortal as suas proprias inspirações. É na celebrada quinta de Penha-Verde, que se passa esta scena, debaixo de uma

espessura de acacias e ulmeiros, refrêscados dos ardores do estio pelas bafagens tepidas e embalsamadas que sopram da serra. Ao largo, mergulhados no azul de uma atmosphera rica de cambiantes, erguem-se os pincaros escavados da serra de Cintra. A um lado, sentado, vê-se D. Sebastião, tendo á esquerda o cardeal D. Henrique, e atraz de si, de pé, o seu aio D. Aleixo de Menezes, uma das mais formosas cabeças de ancião que têm sahido do pincel portuguez, o qual se inclina ao ouvido do rei, talvez para lhe notar algum logar, onde o genio de Camões se erguera mais alto.

Por entre os fidalgos, que agrupados segredam uns com os outros formando circulo, gyram pagens e moços-da-copa, servindo o refresco em gomias e bandejas de prata de raro labor.

O pensamento predominante do quadro acha-se distribuido com profunda observação por todas as figuras: a todas ellas prende a leitura do poema, mas vê-se que, como cortezãos, estão todas compondo a manifestação de suas impressões pelo aspecto do moço principe. A época foi estudada com sciencia e escrupulo. A riqueza dos veludos e bordados, indispensavel para a variedade dos trages, e tão difficil de conciliar com a abundancia de tons do arvoredado, tudo se funde n'uma harmonia realçada de effeitos de claro-escuro e arrojo de toque. A physionomia do poeta talvez seja um pouco sacrificada ao desejo de obedecer ás tradições da similhança, entretanto n'aquella fronte resplende o fogo do estro, e a sua figura é nobre.

A varios intendidos, que seguiam com exame os trabalhos de Metrass, pareceu-lhes ver n'estes ultimos uma especie de transvio para a escola franceza, pelo tom frio que predomina n'estes trabalhos, e até por um certo *encruamento* de tinta que lhes censuram; e o quadro *Só Deus!* foi o indicado como o mais notavel resultado d'esta modificação nos principios do artista, que sempre se mostrou mais propenso ás tradições dos mestres italianos. Uns quizeram achar n'este facto o resfriamento da imaginação do mancebo, que, atacado da doença que dentro em pouco o levaria á sepultura, sentia já esmorecerem-lhe as faculdades e apagar-se-lhe o brilho do pincel; outros entenderam que não seria senão uma adopção de novos principios que reminescencias ou estudos novos lhe fizessem abraçar.

Parece-me que nem uns, nem outros acertaram. Metrass no *Só Deus*, na *Leitura do Romance*, e no *pendant* d'este ultimo quadro, que ficou por acabar, composições que mais principalmente pertencem á época a que me refiro, não esqueceu os preceitos do estylo italiano pelos preceitos do estylo francez; o que fez.

foi procurar uma *maneira* adequada ao genero d'estes assumptos; e a composição do *Só Deus*, pelos tons amortecidos das aguas e pelos ares nevoentos que humedecem e envolvem os principaes planos na atmosphaera pluvial e soturna de um dia tenebroso, contribue talvez para a censura que lhe fizeram, mas não deixa por isso de ter muita verdade e estudo do natural. Seria difficil ser mais brilhante n'um episodio, que a propria mãe de Deus enchêra das sombras da desolação e da morte. Aqui, o segredo do artista era não cahir nos excessos da falsa escola do realismo, que esquecendo a interpretação ideal, julga ter comprehendido os fins da pintura, reproduzindo com depravada miuncia as circumstancias mais hediondas e repulsivas. E Metrass conseguiu evitar este extremo, porque o seu quadro afflige, sem repugnar, e n'esta impressão reside o seu elogio.

Quanto áquelles que julgaram que o tom frio d'estes quadros seria o symptoma da doença, que já lhe abatia as faculdades e amortecia a palheta, apontámos os quadros do *Alabardeiro*, e sobre todos o do *Porta-estandarte*, magnifico regresso ás boas tradições italianas, porque resume os melhores dotes das escolas florentina e bolonheza, pois encerra a energia de uma e o brilho da outra. Poucas cabeças tenho visto tão bem modelladas. E que vigor de colorido, que conhecimento de claro-escluro, que franqueza e sciencia de toque!

A doença nada pôde n'aquellas faculdades, antes parece que mais lhes activou o sentimento vivo da arte. Como sciencia de manejo do pincel, como segredo de contraposição de tons, e estudo do natural sem excluir o ideal antigo, o *Porta-estandarte* é a demonstração da plenitude de um bello talento de pintor. E o que é mais raro: está lá o desenhista correcto e o colorista brilhante.

Apreciando, porém, em globo os seus trabalhos, é difficil marcar-lhes diversas maneiras, porque observando-os com miuda analyse e comparando-os, vemos que o seu espirito esvoaçou indeterminado, ora abraçando com mais predilecção as tradições das escolas florentina e veneziana, ora seguindo o colorido dos pintores francezes. A sua marcha foi sempre uma indecisão a este respeito. Ha um certo ecletismo no seu estylo, mas progredindo sempre nos segredos do empaste, na correcção e elegancia de desenho e no estudo da expressão moral.

N'este particular, conhece-se que estudára com um allemão, e que depois aperfeiçoára e cultivára mais esses estudos com os chefes da moderna escola franceza, tão notaveis na intenção dramatica de suas concepções, porque os assumptos dos seus qua-

dros principaes, como os dois Camões e o *Só Deus!*, apresentam a interpretação ideal, um certo sentido esthetico, que pertence de origem á escola allemã, e a alguns dos mestres francezes.

Todavia, examinando-se bem todos os seus quadros, conclue-se por descriminar tres influencias distinctas, que caracterisam as obras produzidas n'estes differentes periodos. *Camões na gruta de Macau* resume as melhores qualidades d'essa primeira maneira que é o resultado de seus estudos em Italia. O quadro do *Salomão* ainda é uma derivação d'essas influencias, pelo brilho e suavidade da tinta, e estudo de roupas, posto que já accuse uma certa aberração para as *poses* theatraes de David, o que se mostra na posição exagerada da mãe verdadeira, aberração que depois se evidencia na figura de D. Ignez, a qual, na dureza das linhas estatuarias, é visivelmente uma reminiscencia das obras daquelle mestre francez.

Vêem em seguida os quadros do *Só Deus* e da *Leitora*, que pela frieza de tom, e talvez ainda mais pela adopção de assumptos da actualidade e romanescos, indicam uma certa tendencia para a escola franceza.

O quadro de *Camões lendo os Lusíadas*, posto que pela tinta crua ainda se resinta d'esta ultima influencia, já presente comtudo o regresso ás boas tradições dos mestres italianos, de que o *Porta-estandarte* é o mais brilhante esforço.

Temos pois, que as diversas modificações dos estudos de Metrass podem ser avaliadas d'este modo, e que entre as suas obras sobresaem principalmente tres quadros, porque resumem tres phases do seu talento, que são inquestionavelmente tres dotes que completam o pintor da historia; fallo do sentimento, do instincto colorista, e do dom da composição. Como quadro de mais vasta concepção, o *Camões lendo os Lusíadas* é uma bella composição; como manifestação do sentimento dramatico levado até ás proporções do pathetico, o *Camões na gruta de Macau*, não pôde deixar de reunir os suffragios de todos; e como vigor e brilho de colorido, realçados por um estylo largo, o *Porta-estandarte* é um magnifico resultado de solidos e bem dirigidos estudos.

Este quadro ficou por acabar. Póde-se dizer, que a mão da morte o interrompeu. Era talvez n'esta ultima maneira, para onde mais pareciam inclinal-o as suas predilecções e primitivos estudos, que Metrass ia assentar o seu pincel, quando um violentissimo ataque o obrigou a deixar a arte para se entregar aos esforços da medicina.

Foi-lhe aconselhada uma viagem aos proprios logares que já havia percorrido, porque os facultativos viam n'esta enfermida-

de, em que a intensidade do espirito consumia as forças physicas, um symptoma nostalgico; e a patria do artista é verdadeiramente o logar onde desafoga e completa a sua imaginação. E que melhor patria de predilecção para o pintor do que a Italia?

Metrass partiu effectivamente.

Correu novamente os mesmos pontos que já tinha visitado nas suas primeiras viagens. No fim de alguns mezes pareceu achar-se melhor, e realmente regressou a Lisboa com mais vida e fogo nos olhos.

Os seus amigos nutriram esperanças, e o artista sentiu-se reanimado.

Os seus cuidados de todas as horas reviveram com as melhoras: os pinceis tornaram a lembrar; e já determinava os arranjos de seu quarto de estudo na Academia, quando a terrivel doença, que parecia debellada ou adormecida, se manifestou de novo com mais rapidos e destruidores symptomas. Os mais previdentes conheceram que as melhoras tinham sido apparentes, e que os germens do mal só haviam esperado pela estação propria para lhe atalharem a vida.

Foi aconselhada ainda mais outra viagem, mas d'esta vez á Madeira.

Ainda me lembra com funda magoa do que então aconteceu. Era n'um domingo, e estava eu de manhã vendo algumas flores no mirante da minha casa, quando pessoa da minha familia me advertiu de que me acenavam da rua, de um caleche que passava.

Era Metrass que corria no seu elegante carro por diante da minha casa, e me dizia adeus.

Passou como uma visão diante de mim; e aquelle aceno foi a ultima despedida do amigo!

Passados dias sube que tinha partido, e não decorreram muitos que a noticia da sua morte nos não trouxesse a afflicção a todos.

Assim em menos de poucos mezes, entrava o Tejo, encerrado n'um atahude, o mancebo sympathico e talentoso, em quem as nossas artes punham com justo orgulho tantas esperanças, e em quem os amigos encontravam uma alma apaixonada, um caracter leal e um talento modesto!

JOSÉ MARIA D'ANDRADE FERREIRA.

A MORTE DE CESAR

— Now, the great Ceaser fell:
Oh — what fall was there!
(Shakspeare).

Caio! Cobrindo o rosto
Com o manto ensanguentado;
Gigante fulminado,
Gigante em terra deu.
Do gladio dos tyrannos
O peito não temêra;
Morreu como vivera:
Heroe de heroes — morreu!

Oh! quem podera ao menos
Sondar, n'aquelle instante,
Essa alma de gigante,
Que se arrojava ao ceo;
Cobrindo — como a aguia,
Com a aza immensa e altiva,
A sombra fugitiva
Do genio de Pompeu!

Quem foi que o viu — soberbo —
N'essa hora de delirio,
Ao ferro do martyrio
Mostrar o seio nu?

Quem foi que ouviu a Cesar
Na fervida alarida
Dizer, soltando a vida :
— « O' filho, — e tambem tu ? » —

Ahi — entre o senado,
Ergueu-se a mão de Bruto,
E a mão do algoz corrupto
Descer ao pae se viu ;
Lá — o punhal de Casca
Vibrou atroz e fundo ;
E o vencedor do mundo,
Heroe de heroes, — caio ! —

Oh — como a grande vida,
Acesa em dor e espanto,
De tanto ferro e tanto
Às laminas voou !
Mais vida n'aquella hora
Soltando a luz extrema,
De pé, sobre o diadêma,
Impavida brilhou !

Mas que ? Nenhum dos ferros
No crime ainda era novo ;
O povo fez-se povo,
Não refugiu da sorte :
Hontem submisso escravo
Que um despota encadeia,
Depois — sobre a Tarpeia,
Ditando aos reis a morte !

Caio ! Do peito o sangue
Cobriu-lhe o manto nobre,
Mas não cobriu, nem cobre
O que jorrou no chão ;
Esse — lá conta ao mundo
Os feitos, vis e indinos
De um povo de assassinos,
Que ri da maldição,

Viveu ! Com uma palavra
Traçara ao mundo a historia,
E pelo mundo, a gloria
Em cada passo viu :
Astro fugaz de uma hora
Reverberou em chamma ;
Depois — cansou da fama,
Quiz repousar — caio ! —

Caio — cobrindo o rosto
Com o manto ensanguentado;
Gigante fulminado,
Gigante em terra deu.
Do gladio dos tyrannos
O peito não temêra;
Morreu como vivera:
Heroe de heroes — morreu!

Novembro de 1860.

EDUARDO AUGUSTO VIDAL.



GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA NO RIO DE JANEIRO



ara todo o peito portuguez é justissimo motivo de alegria, saber que longe da patria commum, separados pelos mares quasi infindos de entre o velho e o novo mundo, ha uma colonia de irmãos cujo principal cuidado é conservar sempre puro e esparto o fogo patriotico.

Não ha idéa generosa e nacional que além mar não ache logo ecco, e culto fraterno e apaixonado n'aquelles corações. Se se trata de acudir aos que padecem, são aquellas mãos generosas as primeiras que exemplificam a caridade; se se trata de perpetuar glorias nacionaes, são os brados e concurso os primeiros que nos esforçam; se se trata de acudir ás instantes necessidades da cultura do espirito publico, é d'alí que partem os mais poderosos estimulos á mãe patria. A Sociedade *Madrépora*, composta de portuguezes residentes no Rio de Janeiro, subministra 800 premios annuaes a alumnos de instrucção primaria em Portugal:—o *Gabinete portuguez de leitura*, funda para uso dos mesmos filhos d'esta terra uma bibliotheca

na qual principalmente continuem o trato moral da nossa litteratura, que tão deliciosas paginas offerece para consolo e admiração de todos os tempos e de todos os estados de alma.

É admiravel o pensamento, a iniciativa, o esforço inquebrantavel com que aquelles benemeritos portuguezes, poderam economisar dos cuidados materiaes da vida tempo bastante para conceberem as vantagens de uma instituição como o *Gabinete*; para ousarem commettel-a, realisal-a, bafejal-a com tão singulares alentos de prosperidade!

O fim principal da sociedade *Gabinete portuguez de leitura* foi fundar, gosar e proporcionar o gozo de uma bibliotheca. Tem-no conseguido, porque a sua já contém *uma collecção variada de obras em todos os generos e linguas*. Agora pensa nos meios de construir casa propria e acomodada aos fins. Se apenas a *sexta parte dos portuguezes residentes no Rio de Janeiro, com as condições exigidas, se acham inscriptos* n'aquelle gremio; — se assim mesmo já poderam fazer isto, que não podiam fazer se todos accordes n'um mesmo illustrantissimo pensamento se dessem mãos para obras tão dignas d'elles e do seculo!

Temos á vista o *Relatorio* da direcção do *Gabinete*, apresentado em Assembléa geral de 24 de fevereiro d'este anno, e o *Parecer* da commissão de exame de contas approvado na sessão de 10 de março; documentos que apresentam a associação sob aspecto mui lisonjeiro. São dignos de commemoração os seguintes factos ali apontados:

Em 31 de dezembro de 1860 estava a bibliotheca do *Gabinete* importando em mais de sessenta contos; a sua mobilia em oito contos, o saldo em cofre em tres contos.

Durante o anno de 1860, o rendimento ordinario foi de quasi 1:500\$000 réis; o total da receita realisada mais de quinze contos, dos quaes, só em livros comprados, e assignaturas de periodicos, despendeu-se cerca de tres contos.

No fim de 1860 a bibliotheca continha 121 estampas, 62 mappas, 84 quadros, e 13:056 obras em 31:349 volumes. O movimento de volumes quer entrados quer sahidos n'aquelle anno, para leitura dos accionistas e subscriptores, foi de 33:819.

Das obras adquiridas em 1860 (1:622 volumes) foram comprados no Rio de Janeiro 538, — em Lisboa 858, — offerecidos 131; sendo 1:139 em portuguez, 346 em francez, 6 em hespanhol, 12 em inglez, 12 em italiano, 8 em allemão, 4 em latim. — Da totalidade d'estes volumes mais de dois terços eram no idioma portuguez, e mais de metade foram comprados em Lisboa.

O *Gabinete* foi frequentado no anno de 1860 por 2:938 leitores,

e 134 visitantes. — O mez em que contou maior numero de leitores e visitantes, foi o de julho. — O de fevereiro foi o menos concorrido.

Não contente com o grande serviço que ao principio da civilisação geral, e ao progresso portuguez em particular, fazia com a instituição e aproveitamento de uma bibliotheca, a associação do *Gabinete portuguez de leitura*, auxiliou tambem, no anno proximamente findo, (com 1:333\$000 réis moeda imperial) o grande e nacionalissimo pensamento de elevar um monumento a Camões.

Qualquer louvor a quem realisa isto, a quem consegue tantos, tão bellos e tão insinuantes resultados, ficaria muito áquem do merecido. O que em favor d'aquelles bons espiritos, leaes e sympathicos compatriotas, falla eloquentemente são os seus proprios factos.

Que o mesmo brilho dos resultados já conseguidos, continue a animal-os e reunil-os em laço cada vez mais estreito, para gloria sua, de nós todos, e do proprio imperio, para cujo progresso a sua diligencia e actividade tambem concorre!

Que o exemplo da sua coragem, do seu desinteresse, da sua illustração ache imitadores lá e cá! Taes são os votos de quem ama a fraternal communhão dos povos, e o progresso da razão humana!

JOSÉ DE TORRES.

OLINDO E SOFRONIA.

(Fragmento de uma traducção inedita da Jerusalem Libertada de
Torquato Tasso.)

CANTO 2.º

(Continuação.)

Sem na turba attentar que a nota e admira
Ella passa e ao monarcha se apresenta;
Nem porque o veja irado se retira,
Antes o fero aspecto audaz sustenta.
Senhor, ella começa, a tua ira
Calma e o povo teu enfrear tenta;
Venho o réu que procuras amostrar-te,
E quem te há offendido prezo dar-te.

Vendo o animo honesto, a inesperada
Luz de tanta belleza altiva e pura,
O rei, quasi que a alma subjugada,
Deu á colera, e ao rosto compostura.
Amára-a até se fosse transformada
A alma sua, ou mais branda a formosura;
Porém contrarios corações não prende
Amor, que de branduras só entende.

Prazer, inclinação e pasmo apenas,
Se não amor, moveram o tyranno.
Narra tudo, elle diz, verás serenas
As iras contra os teus, não temas damno.
E ella respondendo: pois o ordenas,
Fui eu que fiz o furto mais o engano;
Eu a imagem tirei, eis justamente
Quem procuras, a mim pune sómente.

D'esta arte, o crime publico attraindo
Sobre si, ao castigo se offerece.
Oh! magnanima acção que faz mentindo!
Que verdade com ella se parece?
O barbaro suspenso, tal ouvindo,
Na costumada ira se enfraquece;
Porém cobrando-a logo, o rosto fero,
Quem teu cúmplice foi que digas quero.

Não quíz da minha gloria que fruisse
Ninguem a menor parte; eu fui a autora.
Cúmplice não busquei que assistisse,
Cúmplice fui eu só e executora.
Pois cáia toda em ti, elle lhe disse,
A minha ira tremenda e vingadora.
E ella: justo é, e assim convinha
Que fosse a pena como a honra minha.

A isto o crú tyranno enraivecido
Lhe pergunta: onde a imagem foi occulta?
Tudo ficou a cinzas reduzido
Lhe responde, e de tal minh'alma exulta.
Dizer ao menos não será ouvido
Jámais que o infiel blasphemo a insulta.
Se o furto desejaes nunca heis de vê-lo,
Senhor, porém o réu podeis prendel-o.

Posto não haja aqui nem réu nem crime;
Pois justo é recobrar o que é tirado.
Tal ouvindo na voz a ameaça exprime
O tyranno pelo odio arrebatado.
Que esp'rança de perdão ha que te anime,
Alma pura, pensar alevantado?
Em vão amor a colera lhe apara,
Como em escudo, na belleza rara.

É preza a virgem pudica e formosa
Que a manda o rei nas chammas dar a vida.
Rasga-lhe o manto e o véu mão impiedosa,
Nos braços d'asp'ras cordas é cingida.
Soffre ella muda, e a alma, não medrosa,
Sente-se alguma cousa commovida;
Tinge-se o rosto seu de tal alvura,
Que não é pallidez, porém candura.

Divulga-se a noticia, o povo em massa
Vem apressado, e Olindo juntamente.
O réu incerto é, certa a desgraça;
Lembra-lhe a amada, e corre diligente.
Mal que no meio a vê da populaça
De condemnada em acto, ella innocente,
E prompto o algoz para o mister infando,
Vôa, a turba apinhada atropellando.

E brada ao rei: não é a criminosa
Essa, se acaso o diz é por loucura.
Nem pensou em acção tão perigosa;
Como a faria a debil formosura?
Como illudio os guardas ardilosa?
Como poudé tirar a imagem pura?
Se o fez que o narre. Foi por mim roubada.
Ah! tanto sem que amasse ella era amada!

Fui eu, diz elle após continuando,
Que uma noite subi té onde acceita
Vossa mesquita a luz, e praticando
Caminho n'ella entrei por via estreita.
Estava-me a honra e a morte reclamando,
Minha alma o seu castigo não engeita;
Usurpar-m'o não queiram. Por mim chama
A prizão, para mim se eleva a flamma.

Ergue Sofronia a vista e humanamente
Com olhos de piedade o considera.
Que vens aqui buscar, pobre innocente?
Que conselho ou furor te desespera?
Acaso crês não bastar eu sómente
Para arrostar de um peito a raiva fera?
Ainda um coração possuo forte
Para soffrer sem companhia a morte.

Assim falla ao amante sem que mude
Aquelle o pensamento ou se desdiga;
Oh! famoso espectaculo! a virtude
E o amor um proposito afadiga!
Do vencedor o premio é o ataúde!
A vida do vencido é a inimiga!
Mas quanto mais constantes porfiavam,
Tanto o barbaro rei mais irritavam.

(Continúa.)

J. RAMOS COELHO.

CHRONICA



estejaremos antes de tudo, a reaparição d'um homem de letras. Ao escrever-lhe o nome sentimos o mesmo alvoroço e o mesmo prazer que ha no abraço de dois irmãos, que, durante annos estiveram separados. Recorda-nos os nossos primeiros enthusiasmos litterarios! Recorda-nos os nossos innocentes sonhos de gloria! Recorda-nos milhares de illusões que então alimentavamos! Recorda-nos finalmente, a mais brilhante epocha litteraria da nossa terra! O nome de Antonio Pereira da Cunha appareceu quando appareceram os nomes de Rebello da Silva, de Mendes Leal, de João de Andrade Corvo, de João de Lemos, de José Freire de Serpa. Pertence ainda a essa pleiada de bellos talentos que se revelaram á luz da nova escola fundada por Garrett, Herculano e Castilho. Tres grandes modêlos e tres glorias nacionaes! Castilho, disse aos poetas: ahi tem a semente, cultivem-n'a! Herculano,

disse aos romancistas: ahi tem o molde, aproveitem-n'o! Garrett, disse aos auctores dramaticos: ahi tem o exemplar, sigam-n'o. Respondêram-lhe a *Lua de Londres*, o *Raïsso por homisio* os *Dois renegados*, *Maria Paes*, e as *As duas filhas*. D'esta ultima é auctor o sr. Pereira da Cunha. A estreia foi auspiciosa e poucas,—raras tentativas tem logrado na scena tão notavel exito. Os applausos do publico e um aperto de mão sincero e lisonjeiro dos mestres, animaram o dramaturgo a realisar novos commettimentos, fortalecendo cada vez mais a sua vocação. A *Brazia Parda* e a *Herança do Barbadão*, mereceram igualmente os louvores da imprensa e os bravos das platéas. Era tal a veneração que prestava a Garrett, era tão consciencioso o estudo que fazia do *Auto de Gil Vicente*, que, até no estylo procurava imital-o e seguil-o. Conseguiu bastante, conseguiu muito, tornando visivel este empenho.

Mas, que tempo aquelle! Havia crença, havia estímulo, havia lucta, havia

ambição de gloria! Haviam menos jornaes, mas havia mais litteratura. Haviam menos articulistas, mas haviam mais escriptores. Os criticos—e poucos eram então, discutiam, analysavam, censuravam, mas discutiam com lisura, analysavam com intelligencia, censuravam com urbanidade. A lucta baseava-se no trabalho. A um drama oppunha-se outro, e o mesmo se fazia aos romances, e o mesmo acontecia ás poesias.

A consequencia foi em pouco tempo augmentar aquella pequena phalange. Crearam logo diplomas para ali se infileirarem Latino Coelho, Antonio de Serpa, Camillo Castello Branco, Lopes de Mendonça, Palmeirim, Bulhão Pato e Francisco Gomes de Amorim. São poetas esses, disseram, tambem nós somos, e escreveram versos! São romancistas, tambem nós somos, e publicaram romances! São authores dramaticos, tambem nós somos, e apresentaram peças! Não apregoaram só que valiam tanto ou mais que os outros, provaram-n'o. São estas as armas para taes combates.

Hoje, porém, tudo mudou. Os criticos surjem ás duzias, no jornalismo diario. Em vinte linhas—o maximo—apreciam qualquer producção e lavram-lhe a sentença. E a dizer a verdade, no tempo dos caminhos de ferro e do fio electrico, era absurdo desperdigar tinta e papel. A rapidez é a divisa da epocha. Elles obedecem-lhe, julgando tudo rapidamente. Mas, nas obras com que authorisam os seus juizos, ainda são mais rapidos, tão rapidos.... que ninguem os vê!

«Tambem d'antes, exclamam os modernos aristarchos, gastavam-se sessenta dias para ir ao Rio de Janeiro e hoje gastam-se dezeseite; tambem d'antes uma noticia levava dois dias para chegar ao Porto, e hoje chega n'um minuto! O progresso não pára, caminha sempre e ha de manifestar-se em tudo. Se d'antes a critica de um livro enchia duas paginas, hoje não deve exceder meia columna. Demais, um livro ou é bom ou é máo! Que importa saber por que é bom ou por que é máo? Sabémol-o, por ventura, nós?»

O que val é restar ainda um escriptor que aprendeu na sua infancia litteraria a seguir outro trilho. Quando Julio Cesar Machado principiou a escrever, exercia então a critica Lopes de Mendonça, Latino Coelho e Silva Tulio. Os folhetins da *Revolução de Setembro*, os artigos do *Pharol*, e a chronica da *Semana*, eram o seu enlevo. Os romances de Rebello da Silva e de Camillo Castello Branco, eram a sua paixão. Os versos de Mendes Leal, João de Lemos e Bulhão Pato, eram o seu ideal. Lia tudo, e lia com inveja, inveja que lhe despertava a vocação que sentia acordar dentro em si. Mas, inveja louvavel, inveja justa! Quizera produzir como elles, nada mais. E tentou-o, arriscando alguns ensaios que logo denunciaram talento. Depois sem nunca deprimir os collegas, antes exaltand'o-os, proseguiu na carreira, trabalhando e cultivando-se, até assumir o logar distincto que hoje occupa nas lettras. Reviveu afinal Julio Cesar Machado, o folhetim da *Revolução de Setembro*, e reviveu a critica.

Todas estas considerações por onde temos divagado — e que talvez pareçam fóra de proposito, mas que o não são, — promoveu-as o nome do sr. Antonio Pereira da Cunha, nome que assigna o livro que temos diante de nós, intitulado — *Brios heroicos de portuguezas*.

Quatorze retratos formam a galeria do sr. Pereira da Cunha. Os traços

mais característicos de cada um d'elles, estão ali vigorosamente indicados. São pequenos quadros, mas cheios de relevo e de boa composição.

Vê-se que o auctor investigou attentamente as chronicas e com os elementos que nas mesmas colheu, esboçou aquellas figuras para depois lhe avivar litterariamente as feições.

O estylo é correcto, ameno e d'accordo com as épocas que o auctor tinha a reproduzir. Tanto nas descripções como no dialogo ha elegancia e naturalidade. Em vez de alargar os acontecimentos, resumio-se a contal-os singelamente. Sendo taes acontecimentos singelos de si, é a propria singeleza que os recommenda. Demais o sr. Pereira da Cunha, nas palavras com que termina o prologo do seu livro, declara francamente a intenção que o levára a escrevel-o:

«Poz-se em relevo o heroismo das nossas contrerraneas, mais famosas, «pela sua adhesão á independencia e ao bom credito do reino com o dupplicado intuito de concitar os brios nacionaes, por meio do influxo saudavel que deve ter sobre elles um exemplo d'esta ordem, e de lembrar «aos esquecidos que, em Portugal muitas vezes, contra a soberba hespanhola, foram de sobra as mulheres.»

Para tornar digno de louvor e acceitação o livro do sr. A. Pereira da Cunha, basta o sentimento que lhe inspirára a idéa de escrevel-o. Alliando-lhe, porém o merito incontestavel que se encontra n'aquellas paginas, facil é prophetisar o acolhimento que ha de merecer. Toda a livraria escolhida não deixará de fazer a sua aquisição. Mais ainda — ha de tambem adornar as estantes de muitas senhoras. Poucas obras tem ali mais cabimento, raras lhe podem causar igual enthusiasmo.

Sabemos que o sr. Antonio Pereira da Cunha tem mais obras para apresentar, e fazemos votos para que não demore a sua publicação. Assim como enriqueceu a litteratura nacional com o excellente livro *Brios heroicos de portuguezas*, é justo que tambem enriqueça o repertorio da nossa primeira scena com um drama ou uma comedia. Actores e publico hão de agradecer-lh'o. *As duas filhas* e a *Brazia Parda* não lhes esqueceram ainda. Ficaram na memoria do publico as impressões que recebeu; ficaram na lembrança dos actores as palmas que conquistaram.

Registraremos em seguida mais outra novidade litteraria importante. É a edição nitida das *Obras completas de Nicoláo Tolentino*, que acaba de sair dos prélos dos srs. Castros Irmãos. As paginas do livro são illustradas pelo gracioso lapis do sr. Nogueira da Silva, que porfiou em traduzir a veia comica do grande satyrico, e realisou o seu intento, com extraordinaria felicidade. Completa o volume um estudo biographico de Nicoláo Tolentino, pelo sr. José de Torres. É um trabalho consciencioso e esmerado como os produz sempre o distincto escriptor. Ha tambem a louvar — e muito — n'este livro a execução typographica que é primorosa e rivalisa com as melhores lá de fóra.

Predicados não faltam para grangear boa fortuna ao volume, ainda que devêra bastar um para lh'a assegurar: o nome de Tolentino no frontespicio.

ERNESTO BIESTER.